



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Tecnologia e Ciências
Escola Superior de Desenho Industrial

Jeanine Torres Geammal

**O surgimento da marca Daspu
e a projeção de sua imagem através da imprensa**

Rio de Janeiro
2009

Jeanine Torres Geammal

**O surgimento da marca daspu
e a projeção de sua imagem através da imprensa**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Design, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Washington Dias Lessa

Rio de Janeiro
2009

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/G

G292	<p>Geammal, Jeanine Torres. O surgimento da marca Daspu e a projeção de sua imagem através da imprensa / Jeanine Torres Geammal. – 2009. 188 f.</p> <p>Orientador : Prof. Dr. Washington Dias Lessa. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior de Desenho Industrial. Bibliografia.</p> <p>1. Moda - Teses. 2. Prostituição - Teses. 3. Inclusão social - Teses. 4. Empreendedorismo – Teses. I. Lessa, Washington Dias. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Escola Superior de Desenho Industrial. III. Título.</p> <p>CDU 391</p>
------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Jeanine Torres Geammal

**O surgimento da marca Daspu
e a projeção de sua imagem através da imprensa**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Design, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 04 de agosto de 2009.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Washington Dias Lessa
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Prof^a. Dr^a. Lucy Niemeyer
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Prof. Dr. André Villas-Boas
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ.

Prof. Dr. Valdir Ferreira Soares (suplente)
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Rio de Janeiro

2009

DEDICATÓRIA

Aos meus amores José e Manoela

AGRADECIMENTOS

A todas as mulheres que tiveram a criatividade e a coragem de se aventurar em um projeto como a Daspu.

A Gabriela Leite e Flávio Lenz, meus sinceros agradecimentos por terem sido sujeitos na minha pesquisa.

A Sylvio de Oliveira pela genialidade de sua criação.

A toda a equipe da Davida, pela generosidade e carinho com que me receberam, em especial a Flávio Lenz e Maria José pela ajuda incansável durante toda a pesquisa.

A meu orientador Washington Lessa, pela paciência e ensinamentos durante todos os momentos da pesquisa. Por me ajudar a lançar novos olhares sobre o estudo. E principalmente, por acreditar na relevância acadêmica desse trabalho.

A Lucy Niemeyer, Jorge Lúcio de Campos e Washington Lessa pela generosidade da interlocução, suas valiosas contribuições e incitantes questões levantadas durante a banca de qualificação.

Aos queridos Victor Geammal e Zoy Anastassakis, pela leitura atenta e preciosas contribuições.

A Milton José Nogueira, pela ajuda incansável ao longo de toda a pesquisa. Das conversas e reflexões atentas às tabelas mágicas.

A Silvia Steiberg e Pedro Luiz Pereira de Souza, sobretudo, pelo exemplo e incentivo desde o começo, que contribuíram para meu ingresso no mestrado.

A Juliana Sampaio pela cuidadosa ajuda na documentação das matérias pesquisadas.

A toda minha família pelo incentivo e apoio incondicional. À minha mãe Clenir, ao meu pai Victor, às minhas irmãs Daniele e Michele, pessoas que tornaram possível eu estar aqui hoje.

Ao José, companheiro de todo momento, pelo amor e paciência inesgotáveis.

À queridíssima Manoela pelas horas que estive ausente.

Aos (Às) amigos(as) que me ajudaram durante todo o percurso, desde o início do mestrado, de perto ou de longe, em especial Silvia Patrícia, Silvia Tedesco, Elisa Silva, Fernando Fialho, Jesus Ezequiel e Ana Videla. Foi essencial saber que torciam por mim e que com todos poderia contar.

RESUMO

GEAMMAL, Jeanine Torres. O surgimento da marca Daspu e a projeção de sua imagem através da imprensa. 2009. 188 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

O presente trabalho é um estudo sobre a criação e aparecimento público da Daspu, marca de vestuário feminino que se tornou conhecida nacionalmente ao entrar em polêmica com a grife paulista Daslu, importante multimarcas de luxo. A Daspu foi criada em 2005, no Rio de Janeiro, pela Davida, uma ONG de prostitutas voltada para questões ligadas à cidadania, ao combate à vitimização, à discriminação, ao preconceito e ao estigma que atingem as mulheres que exercem essa profissão. E a marca surge publicamente através da imprensa, de modo inesperado para a Davida, antes que a confecção/grife estivesse estruturada.

Com base no papel que a questão da autonomia relativa entre marca e imagem da marca adquire no caso Daspu, a opção desta pesquisa foi a de focalizar o processo de projeção pública da imagem da marca no espaço configurado pela mídia. Num cenário de várias confluências buscou-se a identificação dos temas que se cruzaram nesta cobertura, remetendo-os às suas condições de enunciação, dadas por posições e competências, e ao modo como se articulam na imagem da marca.

Visando trazer uma nova inteligibilidade aos processos de produção de sentido presentes no caso Daspu recorre-se ao conceito de palavra de ordem, proposto por Deleuze e Guattari, como chave teórica para compreensão do caso, retomando as circunstâncias que possibilitam a “enunciação Daspu” transformar a idéia de uma confecção em uma grife possível, e potencializar social e politicamente a ONG Davida.

Palavras chaves: Moda, Imagem de marca, marca social, inclusão social, prostituição.

ABSTRACT

This is a study on the creation and public appearance of Daspu, women's clothing brand that became nationally known when entering into polemics with the São Paulo fashion Daslu, a leading multi-brand luxury. The Daspu was created in 2005 in Rio de Janeiro by Davida, an NGO dedicated to prostitutes to issues of citizenship, the fight against victimization, discrimination, prejudice and stigma suffered by women engaged in this profession. And it is made public through the press, unexpectedly for Davida, before the factory clothes / brand was structured.

Based on the paper that the question of relative autonomy between brand and brand image in the case Daspu gets, the option of this research was to focus on the process of projection of the brand's public image caused by the action of the press in space configured by the media. Against a background of several confluences we sought to identify themes that crossed this coverage, linking them to their own conditions of enunciation, given by the positions and skills, and the way of their articulation on the brand image.

In order to bring a new intelligibility to the processes of production of meaning that are present in Daspu case, we use the concept of word of order, proposed by Deleuze and Guattari, as a theoretical key to understanding the case, retaking the conditions that enabled the "enunciation Daspu" transform the idea of a clothing factory in a fashion brand, and potencialize socially and politically the NGO Davida.

Keyword: Fashion, branding, social brand, social inclusion, prostitution.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Logotipo Daspu.....	67
Figura 2 – <i>Folha de São Paulo</i> , Cidades , 6 dez. 2005. Foto de Marcus Cruz.	83
Figura 3 – Modelos Kaya Korabila; Modelo Hada Cruz; Prostitutas Valquíria, Maria, Maria Nilce, Lina da Silva e Gabriela Leite. <i>Folha de São Paulo</i> , Ilustrada, São Paulo, 11 dez. 2005. Fotos de Marcus Cruz.	85
Figura 4 – Camiseta Daspu produzida com transfer. Primeiro dia no stand do SEBRAE – RJ, dentro do Fashion Business 2006. Foto de Flavio Lenz.	87
Figura 5 a) Primeiras peças apresentadas pelas prostitutas da ONG. Foto de Marcos Silva.....	88
Figura 6 – Desfile de 16 de dez., na Rua Imperatriz Leopoldina. Matéria publicada na capa do jornal <i>O Globo</i> , em 17 nov. 2005. Foto de André Teixeira.	89
Figura 7 – Primeiro desfile, 16 dez. 2005, na Rua Imperatriz Leopoldina, Rio de Janeiro. Fotos de Marcos Silva.....	90
Figura 8 - Capa do caderno <i>Ela</i> do jornal <i>O Globo</i> , publicada em 14 jan. 2006.	93
Figura 9 – A camiseta Beijo aparece na edição de 14 jan. 2006 do jornal <i>O Globo</i> , na seção <i>Fetichê</i> , dentro do caderno <i>Ela Fashion</i> , como a mais cult do momento. Foto de Luciana Whitaker.	94
Figura 10 – Segundo desfile da marca, na Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro, em 13 jan. 2006. Foto de Paulo Jabur.	95
Figura 11 – Página do jornal <i>O Dia</i> com a divulgação dos desfiles da temporada outono-inverno de 2006 do Fashion Rio.	97
Figura 12 – Página do jornal <i>Extra</i> com matéria sobre a Daspu, publicada em 14 jan. 2006.....	98
Figura 13 – Fotos do desfile da Daspu na Rua Augusta divulgadas pelo jornal <i>O Estado de São Paulo</i> , 12 abr. 2006. Fotos de Agliberto Lima.	103
Figura 14 - Foto do desfile da Daspu na Rua Augusta divulgadas pela <i>Folha de São Paulo</i> , 12 abr. 2006. Foto de João Sal.	104
Figura 15 – Foto do desfile da Daspu no Circo Voador, divulgadas pelo jornal <i>O Dia</i> , 10 jun. 2006. Foto de Carlo Wrede.	107
Figura 16 – Foto do desfile da Daspu no Circo Voador, divulgadas pelo jornal <i>O Globo</i> , na seção Fashion Rio, em 10 jun. 2006. Foto de Fábio Guimarães.....	109
Figura 17 – Foto do desfile da Daspu no Circo Voador, divulgadas pelo jornal <i>O Globo</i> , na seção <i>Ela Fashion</i> , em 10 jun. 2006. Foto de Fábio Guimarães.	110
Figura 18 Foto do desfile da Daspu no Circo Voador, divulgadas pelo jornal <i>São Gonçalo</i> , em 17 jun. 2006. Fotos de Roberto Moreira.	111
Figura 19 – Calcinha e sutiã da coleção Daspu na Pista BR 69. Disponível em: www.modafusion.com.br . Acesso em: 20 ago. 2008.	112
Figura 20 – Macacão da coleção Daspu na Pista BR 69. Disponível em www.modafusion.com.br . Acesso em: 20 ago. 2008.....	112
Figura 21 – Desfile de lançamento da coleção Daspu na Pista BR 69, no Circo Voador, Rio de Janeiro. 9 jun. 2006. Fotos Marcos Silva.	113

Figura 22 - Desfile da coleção Daspu na Pista BR 69, no Club Glória, São Paulo, 15 jun. 2006. Fotos de Marcos Silva.....	114
Figura 23 – Algumas das artes que foram aplicadas às camisetas e vestidos da coleção Puta Arte. As camisetas vêm com a frase “a arte Daspu inspirou...” complementada pelo nome do artista. Da esquerda para a direita e de baixo para cima citam Marlene Dietrich, Otto Dix, Pablo Picasso, J. Borges, Lasar Segall, Chico Buarque, Tadej Pogacar, Gauguin. Imagens gentilmente cedidas por Sylvio de Oliveira.....	117
Figura 24 – Fotos do desfile da coleção Puta Arte, na Praça Tiradentes. Rio de Janeiro. 19 jan. 2007. Fotos de Flavio Lenz.	118
Figura 25 – Desfile da coleção Puta Arte, no Club Glória, em São Paulo. SP, 27 jan. 2007. Fotos de Viola Berlanda.	119
Figura 26 – Desfile de lançamento da coleção <i>Copa Sacana</i> , na livraria Saraiva do Shopping Rio Sul, no Rio de Janeiro. Fotos de Flavio Lenz.....	121
Figura 27 - Logotipo da coleção aplicado à uma camiseta. Foto de Luiz Brasil.....	122
Figura 28 – Sutiliga. Desfile na Unidos da Tijuca. Rio de Janeiro. 6 jun. 2008. Foto de Celso Pereira.	123
Figura 29 – Desfile da coleção <i>As cruzadas: a batalha entre o botão e a espada</i> . Belo Horizonte. Jun. 2008. Fotos de Nana Moraes.....	124
Figura 30 – Arte das novas estampas que integrarão a próxima coleção da marca. As frases são: a) Prazeres Davida sempre; b) Café Daspu, toda hora é hora; c) Aprecie com proteção; d) Sabor Davida, o prazer começa pela boca.	125
Figura 31 – Estampa aplicada em uma das camisetas da marca, concebida por Aliedo. Imagem gentilmente cedida por Flávio Lenz.....	133
Figura 32 – Artes produzidas por Sylvio de Oliveira para camisetas da coleção Ativismo. Imagens gentilmente cedidas por Sylvio de Oliveira.	139
Figura 33 – Artes produzidas por Sylvio de Oliveira para camisetas da coleção Ativismo. Imagens gentilmente cedidas por Sylvio de Oliveira.	140
Figura 34 – Camisetas criadas por Sylvio de Oliveira, para a coleção <i>Copa Sacana</i> . Desfile na livraria Saraiva do Shopping Rio Sul, Rio de Janeiro. Fotos de Flavio Lenz.....	141
Figura 35 - Camisetas da coleção Daspu na Pista BR 69. Desfile no Circo Voador, Rio de Janeiro. 9 jun. 2006. Fotos de Marcos Silva.....	143
Figura 36 – Camisetas da coleção <i>As Cruzadas: a batalha entre o botão e a espada</i> . Desfile na FUMEC, Belo Horizonte. Jun. 2008. Imagens fornecidas por Flavio Lenz.	144
Figura 37 – Reportagem sobre a Daspu na revista francesa <i>Urbania</i> , 2007, p.56 e 57. Fotos de Roger Proulx.	145
Figura 38 – Reportagem sobre a Daspu na revista francesa <i>Urbania</i> , 2007, p.58 e 59. Fotos de Roger Proulx.	146
Figura 39 –Reportagem sobre a Daspu na revista alemã <i>Brigitte Woman</i> , 2007, p.70, 71, 72 e 73. Fotos de Carmem Buta.	147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição por tipo de mídia	58
Tabela 2 – Clippings nacionais e internacionais.....	58
Tabela 3 – Sequência dos acontecimentos mais importantes	60
Tabela 4 – Coleções criadas	80
Tabela 5 – Eventos sem coleção relacionada	82
Tabela 6 – Lista completa com todas as camisetas criadas para a marca	134
Tabela 7 – Total de matérias em jornal por tipo de caderno	152
Tabela 8 - Distribuição por tipo de autor das matérias dentro dos cadernos de comportamento	152
Tabela 9 – Divisão por tipo de autor nos jornais, em nov. 2005.....	153
Tabela 10 – Divisão por tipo de autor nos jornais, em dez. 2005.....	153
Tabela 11 – Divisão por tipo de autor nos jornais em jan. 2006.....	154

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Aparecimento em capas de jornais ao longo do tempo	151
Gráfico 2 – Gráfico com a totalização de matérias ao longo dos meses.....	152

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
1 PROSTITUIÇÃO E DIREITOS CIVIS.....	21
1.1 Da prostituta - o debate sobre a legalização	22
1.1.1 <u>Tráfico de pessoas</u>	24
1.1.2 <u>Sobre a sexualidade</u>	26
1.2 O movimento das prostitutas no Brasil	29
1.2.1 <u>A trajetória de Gabriela Leite</u>	32
1.2.2 <u>A ONG Davida</u>	34
1.2.3 <u>O discurso do movimento</u>	37
2 OS PARÂMETROS DA MODA E A PROSTITUIÇÃO	40
2.1 A moda como lógica e processo social	41
2.2 A indústria da moda	45
2.3 A moda e a persona da prostituta: sedução, erotismo, fetiche e transgressão	49
2.3.1 <u>As roupas e o domínio do erótico e do pornográfico</u>	51
2.3.2 <u>Moda e fetiche</u>	52
2.3.3 <u>Moda, beleza e atitude</u>	53
2.3.4 <u>Transgressão na moda</u>	55
3 O SURGIMENTO E PROJEÇÃO DA MARCA DASPU ATRAVÉS DA IMPRENSA	57
3.1 O nome	61
3.1.1 <u>A Daslu</u>	62
3.1.2 <u>Aspectos que se destacam</u>	64
3.2 O surgimento público da marca.....	66
3.2.1 <u>Repercussão</u>	70
3.2.2 <u>Preconceito</u>	74
3.3 A dimensão ética da imagem da Daspu	77
3.4 A imagem da marca através dos produtos, coleções e desfiles	80
3.4.1 <u>Primeiras peças, desfiles e coleção</u>	83
3.4.2 <u>Daspu na periferia</u>	91
3.4.3 <u>Os primeiros passos rumo a profissionalização</u>	101
3.4.4 <u>Daspu na pista com a primeira coleção profissional</u>	105
3.4.5 <u>As outras coleções</u>	115

3.5	O outro lado da marca (as deficiências do negócio)	126
3.6	A Camiseta Daspu	130
3.7	Uma estética reapropriada	145
3.8	O espaço na imprensa	150
4	CONCLUSÃO	155
4.1	O conceito de palavra de ordem	156
4.2	A enunciação Daspu como palavra de ordem.....	157
4.2.1	<u>A lógica da imprensa; o escândalo Daslu; o surgimento da Daspu</u>	158
4.2.2	<u>A Davida como proposta e organização; sua experiência com a mídia</u>	159
4.2.3	<u>A lógica da moda / o caráter transgressivo da Davida/Daspu</u>	160
4.2.4	<u>O apoio de artistas e intelectuais / o trabalho voluntário de profissionais de moda e imagem pública</u> 161	
4.3	Inserção da palavra de ordem Daspu no corpo Davida.....	161
4.3.1	<u>A moda sem vergonha</u>	162
4.3.2	<u>O negócio Daspu</u>	163
	BIBLIOGRAFIA	166
	APÊNDICE I - Organização cronológica dos fatos e matérias	178

INTRODUÇÃO

Há muito que as questões sobre a habilidade humana de se expressar, distinguir e construir através das roupas e enfeites corporais me entusiasma. Minha prática profissional com design de jóias e o ensino dessa disciplina em cursos de design contribuíram para tornar recorrentes os questionamentos sobre essa problemática. Tributo a esse entusiasmo o interesse inicial em relação à Daspu, marca de vestuário feminino cuja criação e aparecimento no espaço público é objeto dessa pesquisa.

Criada em 2005 no Rio de Janeiro pela ONG Davida, a Daspu tornou-se conhecida nacionalmente ao entrar em polêmica com a grife paulista Daslu, importante multimarcas de luxo na moda do país.

A Davida foi criada em 1992 por Gabriela Leite, e está voltada para questões ligadas à cidadania das prostitutas e para iniciativas visando a organização da categoria. A Davida integra a Rede Brasileira de Prostitutas que tem a missão de articular politicamente o movimento organizado de defesa e promoção dos direitos das prostitutas. Esta afirma que “a prostituição é uma profissão, desde que exercida por maiores de 18 anos”¹. E a Davida manifesta seu repúdio à vitimização das prostitutas, e anuncia o combate à discriminação, ao preconceito e ao estigma. Resumindo, a ONG não expressa nenhuma intenção de mudar a profissão dessas mulheres. Defende, ao contrário, o direito de prestarem serviços sexuais, afirmando que devem assumir sua profissão ao invés de envergonharem-se dela.

Considerando o ferramental específico para o estudo da questão das marcas disponível no âmbito técnico-profissional, existem duas possibilidades para o referenciamento teórico e prático do problema: a) a literatura sobre identidade visual/identidade corporativa elaborada no âmbito do design, sobretudo a partir dos anos 1950 no contexto do movimento que ficou conhecido como Estilo Internacional; b) os conceitos e diretrizes que definem contemporaneamente a área do branding, os quais originariamente se reportam ao campo do marketing. E isto sem ignorar o fato de que empiricamente tanto as práticas de projeto e gestão quanto a produção de conhecimento relativo às marcas não se organizam estrita e separadamente de acordo com essas duas áreas – pois há uma “geopolítica” de troca de influências, transitividade de conceitos, organizações mistas de aparatos produtivos etc. –, pode-se falar de traços dominantes dessas duas vertentes.

De acordo com as categorias e diretrizes colocadas pelo discurso da identidade corporativa, além da busca da força do símbolo destaca-se um enquadramento formal, voltado para a excelência gráfica, da solução visual. E destaca-se também uma busca de “fidedignidade” dos elementos da identidade visual em relação à empresa ou instituição, podendo isto ser compreendido à luz de uma busca de precisão e justeza da informação.

¹ Divulgação da “Carta de Princípios” da Rede Nacional de Prostitutas. Disponível em: www.beijodarua.com.br. Acesso em: 2008.

Já as estratégias de *branding*, embora não deixem de mencionar a importância da qualidade gráfico-visual, privilegiam a exposição e a recepção da marca, assumindo uma dinâmica de promoção que normalmente transcende e ultrapassa a coerência técnica e a unidade visual preconizadas.

Segundo uma compreensão contemporânea da marca, ela ganha consistência não apenas a partir da sua associação à qualidade da produção ou serviço a que se refere. Na medida em que existe um espaço público de comunicação, dado tanto pela existência de diferentes configurações midiáticas (meios de comunicação impressa, a web, espaço urbano etc) quanto pelas atividades que as articulam (jornalismo, propaganda, marketing, design etc), a projeção da marca neste espaço de aparecimento público possui uma autonomia em relação ao contato com a marca que é mediado pelo produto ou serviço respectivo.

Segundo Joan Costa (2008), a marca, nos dias atuais, está investida de um discurso simbólico que, mais do que nunca, a transforma em um valor. Foi convertida no intangível de sua própria imagem (imagem mental, imagem pública, imagem social, mais além do valor de troca e do valor de uso) e torna-se o ativo principal das empresas. E esta situação implica na existência da marca e da imagem de marca, que é a projeção da marca no campo social (p.17). Esse sentimento de “valor da marca”, segundo José Roberto Martins (2006), existe e se sustenta no plano emocional de cada pessoa (p.25). Na medida em que as marcas passam a “pertencer” aos usuários e consumidores, devem ser consideradas num registro não apenas tecnicamente funcional: abarcam valores, desejos, emoções, podendo ganhar um caráter ampliado, e eventualmente diferenciado, a partir de desdobramentos de seus traços de identidade. As atividades de gestão de marca e de *branding* buscam potencializar positivamente essas possibilidades, através de estratégias que buscam da constância do aparecimento público à coordenação envolvendo aspectos semânticos e pragmáticos de valores e conteúdos.

Uma análise que considerasse o caso Daspu estritamente segundo essas referências, identificando/julgando protocolos e tipos de intervenções consagradas pelos padrões de excelência técnico-profissional do design, do *branding*, do marketing, tenderia a não dar conta da riqueza do processo, já que o surgimento e difusão da marca Daspu apresenta algumas singularidades exemplares. Não existe, por exemplo, uma proposta ou enquadramento prévio como empresa de moda ou vestuário. A marca surge como idéia de um grupo de prostitutas que trabalha pelos direitos civis das prostitutas, aberto ao levantamento do tema nas searas política, social, econômica, cultural etc. E esta dimensão política vai caracterizar fortemente o DNA da marca Daspu.

Um outro aspecto diz respeito às relações que surgem entre a Davida/Daspu e o meio da moda. Nesse sentido é importante destacar algumas das especificidades desse campo que condicionam os modos como ele vai perceber/receber a marca Daspu. Para isso foram buscadas algumas referências gerais na sociologia da moda de Georg Simmel, Pierre Bourdieu e Gilles Lipovetsky. E, finalmente, destaca-se o fato do processo de construção da marca só ter se iniciado a partir de seu surgimento inesperado na imprensa.

Com base nessas especificidades, assim como no papel crucial que a questão da autonomia relativa entre marca e imagem da marca adquire no caso Daspu, a opção desta pesquisa foi a de focalizar o processo de projeção pública da imagem da marca causada pela ação da imprensa no espaço configurado pela mídia, a partir das condições e iniciativas profissionalmente denominadas como

naming, identidade e posicionamento de marca, sucedem-se versões e fatos, fortuitos ou planejados, personas e personagens diretos e indiretos (jornalistas, a direção da Davida, profissionais de moda e de imagem pública oferecendo trabalho voluntário), as iniciativas da Davida perseguindo um profissionalismo mais estruturado e visando adquirir um estrutura e ritmo minimamente empresariais etc. Neste cenário buscar-se-á a identificação dos temas que se cruzam na cobertura da imprensa, remetendo-os às suas condições de enunciação, dadas por posições e competências, e ao modo como se articulam na imagem da marca. E visando trazer uma nova inteligibilidade aos processos de produção de sentido presentes no caso Daspu, na conclusão do trabalho recorre-se à palavra de ordem, conceito criado por Deleuze/Guattari visando dar conta da pragmática da linguagem.

Os temas relacionados à imagem da marca são apresentados ao longo de um encadeamento de referências a fatos empíricos do processo. É importante, porém, salientar que a intenção não foi a de construir rigorosamente um relato histórico, e sim a intenção foi a de contextualizar os temas. De modo similar, embora o design das coleções lançadas pela Daspu seja abordado, a intenção não foi a de analisar o discurso específico desse design, seja em sua caracterização simbólica, seja em termos de sua eficácia técnica e mercadológica. Elas são referidas não como a ancoragem produtiva – envolvendo design, produção e comercialização – que se faz necessária para a consolidação da marca, e sim como mais um vetor que influi na caracterização da imagem da marca.

Tendo em vista que o corpus da pesquisa se estrutura a partir do noticiário que tematiza a Daspu, torna-se oportuno indicar como a categorização adotada se situa em relação ao esquema consignado por Roland Barthes em *Elementos de semiologia*² (2006).

A categorização barthesiana para uma análise semiológica do sistema de vestuário distingue três diferentes sistemas, determinados pela substância envolvida na comunicação: o *vestuário escrito ou descrito*³, compreendido como linguagem articulada utilizada pelo noticiário de moda; o *vestuário fotografado*⁴, que é oferecido pela fotografia de moda; e o *vestuário usado (ou real)*⁵ constituído pelo que é efetivamente usado pelas pessoas em seu dia-a-dia (BARTHES, 2006, p.29).

Esses sistemas são propostos a partir da dicotomia fala-língua. E seguindo os parâmetros saussurianos, o autor exclui de sua reflexão tanto a história quanto o sujeito, compreendendo o que seria uma pragmática do sentido como algo externo à linguagem (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Embora este quadro não corresponda à abordagem pretendida neste trabalho, vale esclarecer as diferenças em relação ao ‘vestuário escrito’ e ao ‘vestuário fotografado’, que estariam presentes em nosso material de análise.

² Editado inicialmente em 1964.

³ No sistema de vestuário escrito “não há “fala”, por assim dizer: o vestuário descrito jamais corresponde a uma execução individual das regras da moda, mas é um exemplo sistemático de signos e regras: é uma Língua em estado puro”.

⁴ No vestuário fotografado Barthes supõe que a Língua se origina sempre do que denomina “fashion-group” (grupo de decisão que elabora voluntariamente o código), mas, nesse caso, a Língua não corresponde a um sistema abstrato, pois o vestuário fotografado é sempre utilizado por uma mulher individual; segundo o autor, um semi-sistema do vestuário.

⁵ No vestuário usado o autor reencontra a clássica distinção entre língua e fala onde a Língua indumentária é constituída: 1) pelas oposições de peças, encaixes ou pormenores, cuja variação acarreta uma mudança do sentido (não tem o mesmo sentido usar uma boina ou um chapéu-coco); 2) pelas regras que presidem a associação das peças entre si [...]. A Fala indumentária compreende todos os fatos de fabricação anônima [...] ou de uso individual (medida da roupa, grau de propriedade, de gasto, manias pessoais, associação livre de peças).

O “vestuário descrito por um jornal de moda por meio da linguagem articulada” (BARTHES, 2006, p.28) pressupõe a descrição de roupa ou coleção de roupas por um jornalista ou equipe especializada em moda, podendo colocar-se como categoria adequada a uma análise centrada no design do vestuário. Como nosso objetivo foi o de buscar a projeção da imagem da marca, o recorte proposto abrange o noticiário em geral, considerando todo e qualquer texto publicado sobre a Daspu. É importante lembrar que: a) as imagens veiculadas neste noticiário (que não serão analisadas isoladamente), de modo similar ao texto, transcendem a questão do ‘vestuário fotografado’ barthesiano; b) o recorte também inclui o noticiário específico de moda, e o peso e tratamento que a Daspu ganha nesse espaço revela aspectos da projeção da imagem da marca.

A partir dessa categorização temos que o núcleo básico do corpus da pesquisa foi dado pelo clipping referente à Daspu, encontrado no arquivo da biblioteca da Davida. Esse clipping, reunido sistematicamente pela Davida, corresponde às matérias publicadas na imprensa sobre a marca: jornais de grande circulação como *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *O Dia*, *Extra*, *O Estado de São Paulo*, entre outros; alguns periódicos nacionais como *Veja*, *Isto É* e *Caros Amigos*; alguns periódicos internacionais; e a série de números do jornal *Beijo da Rua*, porta voz da Davida, publicados a partir do lançamento da Daspu. A esse material somou-se uma pesquisa na internet, não exaustiva, porém significativa, em busca centrada, principalmente, em críticas e avaliações da marca localizadas em sites especializados em moda e comportamento, como o de Glória Kalil e o de Erika Palomino, por exemplo. E também nas versões on line de alguns jornais, como *Estadão.com*, *O Globo Online*, *Folha Online*. Como era necessário desenvolver um relato factual quanto à ONG e à cronologia do caso Daspu, na leitura desse material tomou-se o cuidado de distinguir a coleta desses dados factuais da investigação sobre os temas ligados à projeção da imagem da marca.

Ao ser constatada nessa pesquisa a escassez de reportagens escritas por jornalistas especializados em moda, decidiu-se por entrevistar representantes especiais de instituições de ensino e fomento da moda. Foram realizadas cinco entrevistas, sendo três presenciais com Cristiane Alves, Valéria Delgado e Lu Catoira; e duas por telefone, com Luciana Casali e Aglaíze Damasceno. As instituições que representam são Senai Cetiqt; Senai Moda e Veiga de Almeida (moda). Cristiane Alves é gerente do SENAI-Moda que foi criado para atuar como um centro de inteligência em moda, cuja função é gerar soluções, levantar informações de mercado sobre o setor, e coordenar todas as ações de moda que o sistema FIRJAN se envolve. Valéria Delgado coordena a equipe de estilistas do SENAI-Moda desde sua criação; antes era professora do Senai Cetiqt. Lu Catoira é coordenadora do SENAI Cetiqt, primeiro curso de graduação em moda no Brasil, fundado em 1985, e nacionalmente conhecido por sua excelência no ensino e consultoria de moda. Catoira também é jornalista e trabalhou muito tempo como editora de moda freelancer. Luciana Casali coordena o curso de design de moda do campus Barra da Universidade Veiga de Almeida. A instituição fundou esse curso há 12 anos e está entre os melhores cursos superiores de moda do Brasil. Casali tem experiência em confecção, desenvolvimento de produto, planejamento de coleção com algumas marcas do Rio de Janeiro do segmento feminino. Mara Mac, Tessuti, Cristiane Veita, Mercado Infantil. Sua proficiência está "justamente em reconhecer o perfil ou estilo de vida de um público e tentar adaptar coleções ou produtos para esse público, principalmente feminino. Essencialmente para um público sofisticado"⁶. Aglaíze Damasceno é professora do curso de moda da Veiga de Almeida e coordena o curso de

⁶ CASALI, L. Entrevista concedida durante a fase de pesquisa deste trabalho.

design de jóia da mesma instituição. Considerou-se que o grupo entrevistado, além de ser capaz de fornecer uma visão social do acontecimento Daspu, também poderia fornecer diretrizes quanto a uma avaliação técnico-estética de seus produtos e eventos. A intenção foi, principalmente, entender os motivos dessa escassez, e obter indicações quanto à percepção do meio moda sobre o fenômeno.

Também foram utilizadas entrevistas realizadas e publicadas por outros pesquisadores que desenvolveram trabalhos de pesquisa sobre a marca, como Andreia Skackauskas Vaz de Mello e Fábio de Araújo Keidel. Buscou-se ainda apoio na bibliografia publicada sobre a Daspu e a Davida, principalmente a autobiografia de Gabriela Leite – “Mulher da Vida”; o livro “Meninas da Daspu” de Anna Maria Bárbara; e “Daspu – a moda sem vergonha” de Flavio Lenz. Os dados obtidos nessas fontes foram complementados pelas conversas esclarecedoras com Flavio Lenz por ocasião das idas à sede da ONG para a pesquisa em sua biblioteca.

O objeto deste estudo envolve discussões a respeito de prostituição, movimentos sociais, luxo, moda, mídia – comum e especializada –, estratégias de aparecimento público, ética e política. Essas dimensões sociais e as relações que estabelecem entre si determinam tendências de tematização que irão se referir a uma estrutura de compreensão do objeto dessa análise. Pode-se definir direitos civis, preconceito, sexualidade, estereótipos, confronto de ética e estratégias de exibição como temas presentes nas discussões sobre prostituição e que são abordados na recepção da marca pela imprensa e pelos demais grupos. E ainda sedução, fetiche, transgressão, resignificação de estereótipos como temas que ajudarão a entender a trajetória de consolidação da marca na moda. Porém é preciso sublinhar que muitos desses temas estabelecem fronteiras imbricadas entre si, assim como encerram questões que perpassam diferentes dimensões sociais. Estratégias de exibição, por exemplo, é um tema que pode se referir à forma de apresentação da marca e sua identidade visual corporativa, mas também às estratégias de exibição da prostituta e de sua causa política. Os estereótipos relacionados à prostituição aparecem nas discussões feministas sobre o assunto, mas também na moda e na forma como o assunto é abordado pela mídia. Considerando a abrangência dos assuntos envolvidos com a marca, e o fato da Daspu misturar instâncias que são, normalmente, posta em separado, como prostituição, movimento social e moda⁷, optou-se por analisar a contribuição dessas discussões para a projeção da imagem da marca na medida em surgissem, ao longo da sequência de acontecimentos protagonizados por ela. Pontuando, em cada um desses momentos, o que se considerou essencial e peculiar para a análise. A dissertação foi a partir daí, estruturada em quatro capítulos descritos a seguir.

O primeiro capítulo apresenta o contexto sócio-político que envolve a ONG Davida, principalmente para relacionar os aspectos que irão sustentar a marca a partir de seu surgimento. Para isso descreve-se o panorama das discussões feministas sobre a prostituição, resultado de uma breve pesquisa em textos acadêmicos e documentos de instituições de direitos humanos e civis. Referem-se às questões político-sociais, como o tráfico de pessoas e sexualidade, contrapondo opiniões expressas por alguns grupos que pesquisam temas relacionados às questões de gênero que incluem

⁷ André Villas-Boas no prefácio do livro de Flavio Lenz afirma que o livro apresenta “um encadeamento de instâncias tradicionalmente estaques e refratárias, que se imbricam umas às outras de forma tal que é impossível compreender umas sem as outras e mesmo delimitá-las entre si. Política, sobrevivência, prazer, sexo e família formam um todo que perpassa a narrativa do início ao fim e também a ação dos personagens [...]”. Acredita-se que essa característica salientada por Villas-Boas sobre o livro de Lenz seja um reflexo da própria realidade da marca.

a prostituição feminina, algumas análises sociológicas recentes e as defendidas pela ONG. O capítulo também apresenta uma breve história do movimento das prostitutas no Brasil e reúne dados que caracterizam a prostituição na Praça Tiradentes. Apresenta uma rápida biografia de Gabriela Leite e seu importante papel nesse movimento e na criação da ONG Davida. Descreve a estrutura de funcionamento da ONG e suas áreas de atuação. E termina apresentando as diferentes expressões culturais anteriores a Daspu que contribuem para formar o discurso do movimento das prostitutas no Rio de Janeiro.

O segundo capítulo trata da lógica da moda – novo espaço de aparecimento dessas prostitutas. O objetivo principal é que forneçam subsídios para se pensar a recepção da Daspu pela moda. Por isso, ainda que, pela abordagem proposta, este não seja um trabalho que explicita as mecânicas de fabricação e produção de roupas, se debate aqui os discursos e influências desse sistema complexo denominado moda, bem como os discursos e influências que subsidiam os seus processos criativos e de produção. O estudo apresentado neste capítulo busca identificar aspectos próprios do meio que podem facilitar o ingresso de grupos e movimentos sociais da periferia em busca de aparecimento, promoção de seus valores e auto-sustento, tais como a Daspu. Busca também esclarecer aspectos que fazem do vestuário um empreendimento especialmente interessante para ONG Davida.

O primeiro item do capítulo apresenta e inter-relaciona as teorias sociais de autores que abordaram questões relativas à moda e que subsidiaram a análise das matérias. Expõe a lógica social da moda, sua expansão para as diversas searas do consumo, seu papel nas estratégias de aparecimento público pessoais e de grupo, e aspectos culturais dessa dimensão social. O segundo item apresenta os mecanismos principais de funcionamento específicos da indústria de vestuário. O terceiro e último item do capítulo busca elucidar o lugar que alguns aspectos relacionados à persona da prostituta como sedução, erotismo, fetiche e transgressão, ocupam dentro do meio moda.

O terceiro capítulo apresenta a sequência dos acontecimentos pertinentes à trajetória da marca no mercado da moda, desde seu lançamento até as últimas coleções. Os tópicos relacionados à história da grife são relatados principalmente através das matérias divulgadas na mídia, mas também com apoio no livro de Lenz e de outros trabalhos e obras sobre a Daspu. O objetivo principal aqui é identificar, a partir do conteúdo dessas matérias, diferentes aspectos: os temas que contribuem para construir uma imagem da marca, os que provocam estímulos e desencadeiam transformações, os que sinalizam a repercussão provocada pela criação/divulgação desse nome/marca e as discussões geradas por essa repercussão. Utiliza-se as entrevistas realizadas e publicadas para ajudar a entender esse processo de acolhimento da Daspu pelo mercado da moda.

O primeiro item do capítulo analisa a força do nome Daspu. Destaca os aspectos históricos, etimológicos e simbólicos relacionados a criação/divulgação desse nome/marca, co-responsáveis pela imensa repercussão que a Daspu teve na mídia. O item seguinte apresenta uma cronologia dos acontecimentos mais importantes relativos à sua aparição na mídia e analisa os principais aspectos relacionados a esse aparecimento, como a repercussão produzida e o conteúdo das discussões geradas. Em seguida, observa-se as ações e discussões que determinam o DNA da marca, no terceiro item. O item seguinte observa a imagem projetada através dos discursos sobre as coleções e desfiles da Daspu, midiáticos e de seus criadores. Analisa-se também as consequências de determinadas ações para a conformação dessa imagem, como por exemplo, o convite para integrar o estande do SEBRAE-RJ, os primeiros passos dados em direção à profissionalização da marca, e a

percepção gerada por eles. O próximo item do capítulo apresenta um panorama das deficiências do negócio Daspu apontadas por outros pesquisadores ou pelo próprio Lenz. O item seguinte investiga as relações com o principal produto da marca, suas camisetas, apresentando também o espectro completo desse principal produto oferecido pela grife, os discursos dessas camisetas e os discursos proferidos a seu respeito. O penúltimo item apresenta a imagem Daspu através de algumas revistas de moda e comportamento, principalmente internacionais, que retrataram a marca, identificando como a Daspu é consumida pelo espaço fashion, e a forma como é recontextualizada ao entrar na moda. O último item do capítulo apresenta um panorama numérico dessas matérias para encontrar evidências sobre os grupos de jornalistas para os quais a marca desperta maior interesse. Fala-se ainda das coleções e dos desfiles organizando-os em tempo e espaço, levantando as críticas feitas aos desfiles e coleções em sites especializados em moda, como também outros meios de divulgação do assunto.

A conclusão do trabalho usa a palavra de ordem deleuziana/guattariana como chave teórica para compreensão do caso Daspu, retomando as circunstâncias que tornam possível à “enunciação Daspu” transformar a idéia de uma confecção em uma grife possível e potencializar socialmente a ONG Davida. Essas circunstâncias evidenciam-se na particularidade de algumas confluências: a) a lógica da imprensa, o escândalo Daslu, o surgimento da Daspu; b) a Davida como proposta e organização, sua experiência com a mídia; c) a lógica da moda, a cobertura jornalística da moda, o caráter transgressivo Davida/Daspu; d) o apoio de artistas e intelectuais; o trabalho voluntário de profissionais de moda e imagem pública. E são, finalmente, indicadas as transformações na ONG e no empreendimento Daspu que se seguem às reverberações da palavra de ordem.

1 PROSTITUIÇÃO E DIREITOS CIVIS

Embora esta pesquisa esteja ancorada no campo do design e da comunicação, é preciso situar o discurso da Davida dentro do discurso sócio-anropológico sobre a prostituição, pois as discussões ideológicas concernentes à profissão são uma chave importante para a análise das questões pertinentes a marca Daspu. Primeiramente, porque é a partir desse discurso ideológico que nasce a Davida e, posteriormente, a Daspu. Mas a observação dessas discussões também situa o discurso da ONG entre os muitos discursos sobre a prostituição, esclarecendo as bandeiras defendidas por ela, o que certamente terá influência na imagem pública da marca. E também auxiliam o entendimento das ações sociais, políticas e administrativas tomadas no curso de sua história.

Um estudo do CLAM⁸ (Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos), no Instituto de Medicina Social/UERJ, sobre políticas sexuais no Brasil, ao introduzir historicamente a trajetória dos direitos humanos, baseando-se no trabalho de Norberto Bobbio, conecta seu nascimento com o de uma concepção individualista de sociedade, marco que define como a “era moderna”. Estabelece como ponto inicial da trajetória as formulações que opõem, no plano filosófico, o indivíduo-cidadão ao súdito, e o definem “como dotado de direitos frente à soberania, e não apenas a ela submisso” (VIANNA; LACERDA, 2004, p.10). Tal concepção supõe que cabe aos indivíduos um conjunto de direitos inalienáveis, naturais, centrados sobretudo na sua liberdade individual, que devem ser defendidos frente ao Estado. Essa concepção filosófica tem como desdobramento e segundo marco importante as premissas legislativas presentes na proclamação das declarações de direito norte-americana e francesa, no final do século XVIII, preocupadas em definir os limites onde os direitos individuais não poderiam ser invadidos pelo Estado. “O indivíduo é aqui, portanto, um cidadão nacional” (p.10) cuja liberdade deve ser definida – e protegida – no âmbito dos Estados nacionais modernos. O documento ainda destaca um terceiro marco significativo: a criação da ONU e, mais importante, a publicação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, após a II Guerra Mundial.

Relativamente à entrada dos direitos sexuais na pauta de discussões sobre direitos humanos, o mesmo documento faz notar que o caminho natural de consolidação da problemática, passou, nos encontros internacionais, pelas temáticas da população ou da mulher. Não foi constituído, inicialmente, como um campo específico, mas incluído pouco a pouco em áreas já legitimadas. Para exemplificar, destaca no texto de abertura da Conferência do Cairo sua ênfase na demografia – questão com destaque central para o desenvolvimento econômico e social da população. A atenção dada à demografia confere um papel especial às mulheres, na medida em que seu “empoderamento” aparece como condição para a construção do desenvolvimento social. Alguns feministas atribuem à conferência importância destacada na construção de um campo semântico em torno da reprodução

⁸ Esse estudo, coordenado pelo centro ao longo do ano de 2003, produziu uma série de diagnósticos e mapeamentos dedicados a fazer um balanço do conhecimento disponível, em cada região, sobre os muitos aspectos concernentes à sexualidade. Seu objetivo principal foi “produzir, organizar e difundir conhecimento sobre sexualidade na perspectiva dos direitos humanos, contribuindo para diminuir as desigualdades de gênero, e fortalecer a luta contra a discriminação das minorias sexuais na América Latina”. A iniciativa integrou um projeto de âmbito internacional intitulado “Diálogo Global sobre Saúde e Bem-Estar Sexual”, também implantado, com o apoio da Fundação Ford, na Ásia, na África e nos EUA. (VIANNA, Adriana e LACERDA, Paula. Direitos e políticas sexuais no Brasil: mapeamento e diagnóstico. Rio de Janeiro: CEPESC, 2004.)

(saúde reprodutiva, direitos reprodutivos) e da sexualidade, tanto quanto na consolidação desse campo na pauta de discussões dos direitos humanos⁹. No entanto, destacam que os avanços alcançados em relação aos direitos das mulheres não encontram equivalência com avanços em outras esferas, como direitos homossexuais, aborto e prostituição.

Paralelamente à atenção conferida ao feminino, também o sexo é alçado em importância. E, no início da era moderna, torna-se o eixo ao redor do qual a vida se desenvolve: o “sexo é um meio de acesso tanto à vida do corpo, quanto à vida da espécie; isto é, ele oferece um meio de regulação tanto dos corpos individuais quanto do comportamento da população (o corpo político) com um todo” (WEEKS, 1999 apud CORRÊA, 2006, p.103).

As discussões sobre a legalização da prostituição estão, de alguma forma, como se verá a seguir, na interseção dos debates sobre sexo e mulher.

1.1 Da prostituta - o debate sobre a legalização

Em dois de junho de 1975, 150 prostitutas francesas ocuparam uma igreja, na cidade de Lyon, na França. Protestavam contra repressão policial exacerbada, prisões e assassinatos que sofriam e que não eram investigados. O movimento ganhou corpo e ocupou igrejas em outras quatro cidades, inclusive Paris. No dia 11 de junho, as capelas foram invadidas, as mulheres expulsas a socos e pontapés pela polícia. Porém, nesse momento, o mundo inteiro acompanhara o protesto.

A consequência imediata foi a criação da Associação de Prostitutas Francesas. É verdade que a primeira associação mundial, o Coyote, já houvera sido fundada em 1973, nos Estados Unidos, porém, a luta pelo respeito às mulheres da vida ganha força e amplia seu espaço no campo das discussões acadêmicas após a revolta das francesas. Além disso, logo em seguida, as associações se multiplicam por diversos países¹⁰.

Ao mesmo tempo que as associações proliferam, multiplicam-se também os discursos. Embora se coloquem quase sempre em defesa das mulheres, essas discussões diferem largamente em muitas das questões concernentes ao tema. Desde sua legalização e do papel social da prostituta, até questões sobre a sexualidade.

⁹ O que as pesquisadoras constatarem é que embora o termo “saúde sexual”, presente no texto da conferência, se apresente mais palatável do que “direitos sexuais” ou mesmo “direitos reprodutivos”, esses últimos ligados ao debate feministas sobre aborto e contracepção, sua simples presença no texto representa um avanço de nomenclatura, posto que impõe a abertura de novas discussões em torno da sexualidade (LACERDA; VIANA, 2004, p.27).

¹⁰ *Beijo da Rua*, coluna *No Ponto*, publicada em maio 2002. Disponível em: www.beijodarua.com.br. Acesso em: 08 dez. 2008.

Nas discussões a respeito da legalização da prostituição em âmbito mundial pode-se observar 4 diferentes posições: regulamentarista, proibicionista, abolicionista e auto-determinista (MELLO, 2007, p.58) ¹¹.

A primeira delas pressupõe que a prostituta deve atuar de forma controlada pelo Estado para cumprir seu papel social: controlar os instintos masculinos. As prostitutas ficam sujeitas ao controle do Estado, que fornece licença aos bordéis, delimita as áreas de trabalho – as conhecidas zonas de tolerância – e exerce outras formas de regulamentação compulsória como os exames médicos forçados. Caracteriza-se, portanto pela regulamentação e tolerância do Estado às atividades da prostituição, essa última considerada um “mal necessário” (DOEZEMA, 2000).

Em países como Estados Unidos, Arábia Saudita e Tailândia, a prostituição é crime tanto para a prostituta, como para quem paga por seus serviços sexuais. Assumem, portanto, uma postura proibicionista em relação à profissão.

No discurso abolicionista, “a ilegalidade recai sobre terceiros, como proxenetas e proprietários de bordéis. Em longo prazo, o objetivo do abolicionismo é a abolição completa da prostituição através da despenalização da prostituta” (MELLO, 2007, p.58-59).

Doezema (2000) explica que o discurso abolicionista teve origem na reação de feministas à dura repressão à prostituição ocorrida em países como a Inglaterra, nos meados do séc. XIX, em nome da sanitização e controle do surto de doenças sexualmente transmissíveis. Esse discurso (abolicionista) destaca a vitimização das prostitutas e, ao contrário de sua punição e policiamento, preconiza sua reabilitação e resgate das atividades do mercado de sexo (DOEZEMA apud MELLO, 2007, p.59). Argumenta que o trabalho sexual é uma forma de sujeição feminina ao poder do homem e do capital, e que o ingresso no mercado sexual ocorre pela situação sócio-econômico da vítima: houvesse um meio alternativo para sua subsistência, a mulher o escolheria. Afirma ainda que a prostituição estigmatiza e exclui as mulheres de uma vida digna. Janice Raymond (2003), que defende a não legalização da prostituição, fundamenta seu argumento nas conseqüências do ato para toda a sociedade: passaria “uma mensagem para as novas gerações de que as mulheres são mercadorias e que a prostituição é uma brincadeira sem conseqüências” (RAYMOND, 2004, v.10, nº 10).

O movimento organizado de prostitutas no Brasil assume o discurso auto-determinista, que defende a prostituição como um trabalho digno e considera a prostituta capaz de fazer escolhas e definir o rumo de sua própria vida. Somente a prostituição forçada viola o direito de auto-determinação da pessoa adulta, engajada voluntariamente na prostituição (DOEZEMA apud MELLO, 2007, p.60). Essa posição será melhor explicada no próximo item, paralelamente às questões e discussões sobre tráfico de pessoas.

¹¹ A sistematização, segundo a pesquisadora, foi feita a partir de Lopes (2006); Doezema (2000, 2005); Augustín (2001); Pernia (2004)

1.1.1 Tráfico de pessoas

No âmbito das discussões mundiais, as discussões concernentes à legalização da prostituição estão, por todo lado, em razão de sua posição estratégica, conectadas aos debates sobre tráfico de pessoas. Desde sua origem já é possível perceber a ligação. Emma Goldman¹² destaca, criticamente, que a cruzada contra a escravidão branca¹³ foi apoiada, e muitas vezes liderada, por movimentos reformistas de feministas da elite e da classe média da Europa Ocidental e dos EUA, que buscavam resgatar, de maneira paternalista, suas irmãs “decaídas” no comércio sexual. Segundo Goldman (1913), essa cruzada era na verdade uma campanha contra a prostituição, desencadeada por ansiedades e medos sociais outros e mais profundos. Concernentes por exemplo à identidade nacional ou ao crescente desejo feminino por autonomia. Esses discursos, disfarçados com suas bandeiras protecionistas às mulheres, seriam, na verdade, fundamentados na necessidade de regular a sexualidade feminina.

As campanhas contra tráfico de mulheres ganham força e abrangência mundial junto aos feministas principalmente nos anos 1980-90. Jo Doezema conecta as narrativas desse período com as usadas pelos feministas sobre as escravas brancas do início do século XX, ao referirem-se ao tráfico de mulheres. A forma como as histórias sobre tráfico de mulheres é construída, pode ser vista, segundo a autora, como uma recontagem moderna do mito das escravas brancas. Em certa extensão, esses medos e ansiedades são espelhados nas questões contemporâneas sobre tráfico de mulheres. Ambas funcionam como mitos culturais que constroem concepções particulares sobre migração e indústria do sexo.

Para Janice Raymond, por exemplo, a legalização / descriminação das indústrias da prostituição é uma das raízes do tráfico sexual. Na sua opinião, a “maioria das mulheres que estão na prostituição não fez uma escolha racional. [...] Ao contrário, tais “escolhas” seriam melhor descritas como “estratégias de sobrevivência”” (RAYMOND, 2003, p.315-332). Ao apresentar o número de mulheres imigrantes trabalhando nos bordéis da Holanda, refere-se à essas mulheres como desesperadas e “traficadas para a prostituição”¹⁴.

O discurso auto-determinista reage à posição defendida por Raymond e defende a distinção entre prostituição voluntária, assinalada como um trabalho legítimo, e prostituição “forçada”, esta sim uma violação dos direitos humanos. De acordo com Doezema, a distinção não se configura como uma rejeição, mas sim um refinamento da concepção feminista de prostituição. Não nega que haja violência dentro da prática dessa profissão, mas destaca que a liberdade de escolha também existe, e deve ser respeitada (DOEZEMA *apud* MELLO, 2007, p.60).

¹² Anarquista e defensora da autonomia sexual das mulheres, Emma Goldman foi uma feminista atuante no início do século XX. Não descartava as evidentes razões econômicas para a condução das mulheres à prostituição. Mas também conectava a repressão sexual do início do século com a prostituição, levantando questões sobre a impossibilidade das mulheres de obter uma experiência sexual fora da instituição do matrimônio e, no caso de viverem tal experiência, ficarem confinadas à prostituição. Disponível em <http://womenshistory.about.com/library> acesso em 12 jun. 2008

¹³ “Escravas brancas” era a denominação dada para as mulheres européias que se dedicavam à prostituição em outros continentes. Essa terminologia acabava por restringi-las à condição de vítimas passivas e indefesas.

¹⁴ Apresenta um levantamento feito pelo Grupo Budapeste (Budapest Group, 1999: 11), que “atesta que 80% das mulheres dos bordéis na Holanda são traficadas de outros países”, e contrapõe a um estudo da Organização Internacional de Imigração (IOM), de 1994, que afirma que 70% das mulheres em bordéis holandeses eram oriundas dos países da Europa Central e do Leste Europeu. (IOM, 1995: 4)

Complementando a abordagem de Doezema, Kempadoo defende que tráfico e prostituição emergem das “interseções de relações de poder estatais, capitalistas, patriarcais e racializadas com a operação da atuação e desejos das mulheres de darem forma às próprias vidas e estratégias de sobrevivência e vida” (KEMPADOO, 2001, p.28-51). As mulheres não são definidas como vítimas do poder masculino, nem como um grupo homogêneo. São sujeitos atuantes, auto-determinados, capazes tanto de negociar e concordar, quanto de, conscientemente, opor-se e transformar as relações de poder, “estejam estas enraizadas nas instituições de escravidão, prostituição, casamento, lar ou mercado de trabalho”. Sua atuação no mercado do sexo é tida como uma alternativa cujo ingresso é voluntário e consciente, variando conforme os parâmetros culturais específicos do lugar, sejam nacionais ou internacionais. E a violação dos direitos das mulheres está na violência das condições de trabalho e de vida que se originam da informalidade em que está confinada a prostituição, não da prostituição em si. Em sua argumentação a criminalização da prostituição, ou mesmo sua colocação em ambiente criminalizado, exacerba a violência contra as mulheres.

Desta forma, diferentemente de definir a própria prostituição como uma violência, são as condições de vida e de trabalho passíveis de se encontrar no mercado do sexo, assim como a brutalidade e o horror que circundam esse trabalho, quando confinado ao setor informal e clandestino, que são tidos como uma violência aos direitos das mulheres.

Alguns atribuem à distinção entre tráfico e prostituição posição protagonista na busca da não estigmatização das profissionais. Dolores Juliano em defesa de seu argumento diz que, na sociedade européia, o Estado, quando relaciona migração e delinquência, “reforça preconceitos e dá margem para novas elaborações vitimistas desenvolvidas por associações abolicionistas, que, com o discurso de salvar as mulheres da escravidão e do tráfico, lhes nega sua capacidade de atuar e de decidir” (JULIANO *apud* VIANNA; LACERDA, 2005). Apresenta como argumento a “Convenção pela representação do tráfico de seres humanos e da exploração da prostituição dos outros”, aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas em dois de dezembro de 1949, onde colocava-se a ênfase em penalizar a prostituição e sua incitação. Identificava-se e confundia-se prostituição com tráfico de pessoas. As medidas de atuação estavam centradas no controle das fronteiras e na repatriação das mulheres. O inimigo era antes de tudo a prostituição, não se punha qualquer ênfase na luta contra a violência. A *Perspectiva Feminista Transnacional*, participando do projeto de pesquisa mundial encomendado pela ONU sobre a Violência Contra as Mulheres, ofereceu informações que resultaram na sugestão de que se distinguisse os processos de recrutamento e transporte sob coação – tráfico de pessoas – do comércio do sexo¹⁵. Além disso, a prostituição foi definida como forma legítima de trabalho, e o comércio global do sexo como um lugar, mas não o único, em que ocorre o tráfico. O tráfico passa, a partir de então, no nível das Nações Unidas, a ser entendido não como escravização de mulheres, mas como comércio e exploração do trabalho em condições de coação e força (KEMPADOO, 2005).

¹⁵ Kamala Kempadoo, em “Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres”, destaca que a pesquisa encomendada foi publicada como WIJERS, Marjan e LAP-CHEW, Lin. *Trafficking in Women, Forced Labor and Slavery-Like Practices in Marriage, Domestic Labor and Prostitution*. Utrecht, STV, 1997.

A relatora Especial da ONU sobre a Violência contra as Mulheres, Rhadika Coomarswamy, sugeriu, em meados da década de 1990, que a ONU separasse os processos de recrutamento e transporte sob coação do comércio do sexo: isto é, distinguisse conceitualmente tráfico de prostituição. Além disso, a Relatora Especial da ONU definiu a prostituição como forma legítima de trabalho, e o comércio global do sexo foi definido como um lugar, mas não o único, em que ocorre o tráfico. O tráfico passou, então, a ser entendido, em 1996, no nível das Nações Unidas não como escravização de mulheres, mas como comércio e exploração do trabalho em condições de coação e força.

Depois de muitos convênios, acordos e resoluções internacionais relacionados ao tema, o quadro parece ter se alterado significativamente. No entanto, Juliano sublinha que a polêmica está longe de ter terminado e sublinha que ainda há uma luta velada entre as opiniões contrapostas observadas, principalmente, nos acordos internacionais.

Uma constatação decorrente da ligação entre as discussões referentes à legalização da prostituição e os debates sobre tráfico de pessoas é a centralidade das definições feministas na conceitualização internacional a respeito da prostituição. Na medida que lutam/lutavam pela extinção do tráfico de mulheres, conformam/conformavam o discurso a respeito da prostituição. Se em sua forma original, alinhava-se com ideologias e políticas cristãs conservadoras, hoje há toda uma sorte de discursos e posições políticas presentes nesse debate. Posições conformadas, mormente, nas chamadas batalhas do sexo (sex wars) – discussão internacional centrada na pornografia e na prostituição – que se pronunciaram de diferentes modos a respeito do regulamento legal que a prostituição deveria ostentar (PISCITELLI, 2005). Refletir sobre a prostituição exige, portanto, considerar que os estudos sobre esta problemática são informados pelas diferentes posições feministas no debate.

1.1.2 Sobre a sexualidade

As contraposições presentes no debate não se restringem à maneira como os feministas percebem a prostituição. Diferem também, da mesma forma, suas percepções sobre a sexualidade. Longe de haver consenso, apresentam diferenças importantes no pensamento concernente ao significado concedido à sexualidade. Adriana Piscitelli (2005), em acordo com Wendy Chapkis, diz que a oposição entre as duas visões antagônicas sobre a sexualidade, observadas desde as primeiras discussões feministas, marca as divergências.

Alguns grupos entendiam a sexualidade como uma ferramenta para objetificar as mulheres, impedindo-as de alcançar o reconhecimento de sujeitos portadores de direitos civis. Outros grupos, ao contrário, entendiam a sexualidade como “uma arena de potencial liberação para as mulheres” (PISCITELLI, 2005). Com isso, a prostituta torna-se um símbolo da autonomia sexual das mulheres e, portanto, uma potencial ameaça ao controle sobre a sexualidade das mulheres. Segundo a autora, essas diferenças criaram dois campos dicotômicos os quais, descritos de maneira simplista, podem ser definidos: um como “hostil ao sexo, que era percebido como a fonte da opressão feminina em uma ordem patriarcal e outro que defendia o sexo como fonte de prazer e poder nas vidas das mulheres” (PISCITELLI, 2005). Acrescenta que no âmbito desses debates pornografia e prostituição ocuparam posição central, operando como um divisor de águas. Nessas discussões a prostituta ocupa ora o papel da escrava sexual, ora o papel do agente mais subversivo dentro de uma ordem social sexista.

Na corrente de conceitualização que acredita na existência da “escravidão sexual feminina” a prostituta é identificada como vítima, carente de proventos próprios e com necessidade de uma intervenção exterior que a salve de sua triste situação. O sexo é a base da opressão sofrida pelas mulheres e a prostituição expressão extrema dessa opressão. Portanto, nessa dimensão, a prostituta é um objeto sexual, com todos os desdobramentos decorrentes desse título. Essa análise prioriza as relações de gênero. Em seu argumento central diz que as mulheres são, coletivamente, vítimas da

violência masculina. Consideram a prostituição – definida como assédio, abuso e violência sexual – a pior expressão da opressão patriarcal e a forma mais intensa de vitimização de mulheres. Julgam que as mulheres não constituem, por sua própria vontade, relações sexuais fora do amor ou do desejo sexual autônomo. Sendo assim, “são sempre forçadas à prostituição pela indústria global do sexo, que as mantêm em escravidão e viola seus direitos e integridade corporal” (KAMPADOO, 2005, p.62).

Para a outra corrente de conceitualização, a vinculação das mulheres com o sexo é considerada a fonte de seu maior poder. Com isso, a prostituta se transforma em um símbolo da autonomia sexual das mulheres e, como tal, uma ameaça potencial ao controle patriarcal sobre a sexualidade das mulheres.

Piscitelli chama a atenção para o fato de que mesmo dentro dos dois espaços as percepções são diversas e muito mais complexas. Colocadas assim de forma simplificada pontuam os pólos da discussão. Sublinha que dentro de cada um desses campos existe ainda uma grande variedade de discursos e posições que divergem e convergem, de forma inconstante, entre as inúmeras questões que o assunto encerra. Defende que os dois pólos constituem tipos ideais distintos das realidades de atuações no mercado do sexo, infinitamente mais variadas.

Assim, pode-se observar nas últimas décadas pensamentos que definem o sexo não como um campo fixo de posições e gêneros e poder, mas como um espaço de disputas. Admitem uma ordem sexista, mas não a consideram inteiramente determinante. A dominação masculina, nessa perspectiva, é apenas mais uma das relações de dominação, não a única, nem necessariamente a principal. Racismo, imperialismo e desigualdades internacionais também condicionam a vidas das mulheres.

Além disso, essas perspectivas procuram entender as formas de prostituição em suas complexidades, ao invés de simplesmente como uma confirmação da dominação masculina: “em certas circunstâncias, elas podem ser espaços de resistência e de subversão cultural” (PISCITELLI, 2005). A posição da prostituta deixa de ser a de um objeto passivo da prática sexual masculina, para ocupar “um espaço de agência no qual se faz um uso ativo da ordem sexual existente”. Seara reservada aos sujeitos políticos. Concede-se portanto ao sexo, à sexualidade e à prostituição os espaços que ocupam nas esferas sociais. Espaço destinado às questões políticas.

Segundo Foucault (2007), a politização do sexo envolve a intenção de estabelecer os limites do sexo bom, do sexo socialmente aceito com base em hierarquias ditadas pela religião, pela medicina, políticas públicas, entre outros. Essas hierarquias racionalizam o bem-estar dos sexualmente favorecidos, assim como a adversidade dos sexualmente excluídos.

O que assistimos é um verdadeiro processo de luta; a vida como um objeto político foi de alguma maneira tomada pelo seu valor de face e voltada contra o sistema que a tentava controlar. Foi a vida mais que a lei que se tornou o objeto da política, mesmo quando esta luta política foi formulada através de afirmações relativas aos direitos. O “direito” à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades, e sobretudo o “direito” de redescobrir quem alguém é e o que pode ser... Este é o pano de fundo que nos ajuda a compreender o “sexo” como questão política. (Rabinov *apud* CORRÊA, 2006).

Em um artigo intitulado *Cruzando a linha vermelha: questões não resolvidas no debate sobre direitos sexuais*, onde apresenta diferentes visões teóricas e políticas que produzem os discursos sobre direitos sexuais, Sônia Corrêa postula que a lei moderna inventa os “sujeitos sexuais” tais como os

conhecemos e que os sistemas jurídicos operam, independentemente da esfera de atuação (leis, códigos, normas), como sistemas de classificação, hierarquização e, “na maioria dos casos, criminalização de identidades e práticas sexuais” (2006, p.103). Segundo essa autora

o debate intelectual e político que fez da sexualidade um tema político na era contemporânea teve origem na “revolução sexual” dos anos 1960, mas ganhou densidade e legitimidade acadêmica a partir de sua vinculação com as teorias pós-modernas que situam a sexualidade no coração da formação cultural e política moderna. Essa inflexão intelectual – posteriormente denominada viragem lingüística – deu grande fôlego político aos movimentos societários que se mobilizam ao redor das questões da sexualidade. Sua crítica ao essencialismo extraiu o sexo da ordem natural das coisas para situá-lo em terrenos incomparavelmente mais plásticos: os discursos, instituições e práticas. As teorias pós-modernas também permitiram transportar a exclusão e o estigma – decorrentes dos discursos e normas modernas relativas à sexualidade – da esfera do patológico para o “exterior constitutivo” da política (DERRIDA apud MOUFFE, 1999). Segundo Mouffe esse “lugar exterior” – onde a condição de constituição de toda e qualquer identidade é afirmação de uma diferença – é o que possibilita, nas condições contemporâneas, a reafirmação do político. (CORRÊA, 2006, p.105).

Segundo a autora, a sexualidade, transformada em tema político e ocupando espaço central na formação cultural e política moderna, não pode ser reduzida a uma parte do corpo, mas compreendida como parte integrante de uma matriz de forças sociais, econômicas e culturais que se relacionam. Mais do que concedida, a sexualidade é construída. Além disso, afirma que a sexualidade não é uma questão secundária, e sim um tema central presente em debates sobre a família e o lugar da mulher dentro da sociedade. Podemos acrescentar, obviamente, na prostituição.

Cabe esclarecer que este trabalho não tem o objetivo de somar valores a esses debates. As discussões mundiais sobre a legalização da prostituição passam a ter pertinência aqui, na medida em que constitui vozes às quais as vozes das mulheres do movimento de prostitutas no Brasil irão se juntar. Apresentam um importante campo ao qual as mulheres da Davida integram e precisam tomar posições políticas. Colocadas aqui, as discussões cumprem o papel de ajudar a entender a maneira como esses discursos ideológicos influem na formação da imagem da Davida, que terá reflexos na imagem da Daspu.

As prostitutas sofrem uma pertinaz negação de seu direito ao reconhecimento. Portanto, uma importante questão é situar o discurso que lhes nega a capacidade de decisão, conhecer sua origem, elucidar os medos e ansiedades de seus declarantes. Uma etapa determinante na consideração de seus direitos se consegue quando se congregam nas discussões, como interlocutoras válidas, suas próprias organizações, as próprias prostitutas. Dolores Juliano considera imperativo permitir que operem politicamente com voz própria. No âmbito das discussões acadêmicas tem dado voz direta para as prostitutas concedendo-lhes espaço para que falem em seus artigos. No âmbito do espaço social local, nacional e até mesmo global é, talvez, o bem mais precioso que a Daspu oferece ao movimento das prostitutas no Brasil. Não somente lhes dar espaço para falar com sua voz, mas oferecer-lhes ouvidos atentos com que sejam ouvidas.

1.2 O movimento das prostitutas no Brasil

Muy pocos países poseen una imagen tan conectada con el erotismo y la sexualidad como la que tiene Brasil. El país está lleno de símbolos de libertad sexual representados en imágenes que van desde el carnaval y las playas, a relaciones interraciales, travestis y samba. Sin embargo, esta representación oculta la realidad de la sociedad brasileña; debajo de un ingido liberalismo, el país se encuentra profundamente afectado por el sexismo, la homofobia y el racismo, los cuales, cuando van de la mano con otros marcadores sociales, crean una realidad de desigualdades masivas. (Vianna; Carrara, 2006, p.27).

Os autores argumentam que a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 deve ser considerada como catalizadora das demandas da sociedade civil em prol de novos direitos. A promulgação da Carta Magna de 1988, ao instituir a obrigação do Estado brasileiro com a implementação das recomendações e compromissos firmados nos tratados internacionais (art.5 §2), estabelece o marco onde os direitos humanos passam a orientar, efetivamente, a legislação brasileira (Vianna e Lacerda, 2004, p.37). Esse processo, segundo Vianna e Carrara, traz consigo uma convergência de forças políticas e novos atores sociais que se organizaram em torno dos temas de gênero, raça e sexualidade.

Tratando especificamente das questões relacionadas ao campo da prostituição e do tráfico de pessoas, o exercício da prostituição em si não configura crime no Código Penal Brasileiro, apenas as atividades de algum modo relacionadas ao agenciamento da prostituição, ou seja, são crimes: o lenocínio, o tráfico de mulheres e o rufianismo. Os artigos concernentes à prostituição presentes no Código Penal são art.227, 229, 230 e 231¹⁶.

Muito embora o Código Penal Brasileiro assuma uma postura abolicionista, no Brasil opera-se também sob o regime regulamentarista, pois, mesmo que de maneira informal, tolera-se as zonas e estabelecimentos de comércio sexual.

Observando a incongruência dessa situação, o então deputado federal Fernando Gabeira apresentou recentemente, no Congresso Nacional, o projeto de lei 98/2003, de sua autoria. O projeto propunha a supressão dos artigos 228, 229 e 231, com o objetivo de assegurar as condições de remuneração dos serviços prestados, ampliando com isso as possibilidades de garantia de direitos de profissionais do sexo. Gabeira fundamentou o projeto na hipocrisia com que a questão é considerada – “não haveria prostituição se não houvesse quem pagasse por ela”. Acrescenta que o único caminho digno é tornar possível a exigência de pagamento pelos serviços prestados e, por consequência, reduzir os malefícios resultantes da marginalização da atividade (CÓDIGO PENAL apud VIANNA; LACERDA, 2004). O projeto de Gabeira baseou-se em legislação aprovada na Alemanha, em fins de 2001, onde

¹⁶ a) Art. 227: define como crime "induzir alguém a satisfazer a lascívia de outrem", considerando como agravantes a menoridade da vítima ou a relação de parentesco entre agente e vítima (§ 1º), se o crime foi cometido com emprego de violência, grave ameaça ou fraude (§ 2º) ou com finalidade de lucro (§3º). mesmos agravantes presentes no artigo anterior. c) Art. 229: criminaliza a manutenção, "por conta própria ou de terceiro, de casa de prostituição ou lugar destinado a encontros para fim libidinoso, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente". d) Art. 230: criminaliza o rufianismo, definido como "tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça", considerando como agravantes as situações definidas nos parágrafos 1º e 2º do art. 227. e) Art. 231: define o tráfico de mulheres como crime, entendendo-o como a promoção ou facilitação da "entrada, no território nacional, de mulher que nele venha a exercer a prostituição, ou a saída de mulher que vá exercê-la no estrangeiro", considerando os mesmos agravantes dos artigos anteriores. (VIANNA e LACERDA, 2004, p.64)

foram suprimidas as condutas criminosas ligadas à prostituição e também o crime de favorecimento da prostituição: se a atividade passa a ser lícita, não há porque penalizar quem a favorece.

Gabriela Leite, líder da ONG Davida, sobre essa questão, esclarece a diferença entre cafetão e cafetina que, na sua visão, não reside meramente em uma questão de gênero. “A diferença entre cafetão e cafetina é a de uma pessoa que quer tirar seu dinheiro e outra que é sua patroa. [...] As cafetinas em geral são ex-prostitutas, mas não necessariamente” (LEITE, 1992, p.75). Em seu discurso de defesa à legalização afirma que

é uma hipocrisia, da legislação e da sociedade, considerarem crime a cafetinagem. Ao invés de proteger a prostituta, essa lei na realidade nos desprotege. Na clandestinidade pode tudo, mas havendo algumas normas para assegurar direitos, o patrão e o empregado têm que se entender. (LEITE, 1992, p.75).

A ativista tem presença atuante na luta pela conquista dos direitos civis e políticos das mulheres prostitutas no Brasil desde o seu nascimento, que está relacionado com um acontecimento protagonizado por prostitutas da Boca do Lixo, em São Paulo, e pelo delegado daquela jurisdição, Wilson Richetti. Uma ação de repressão à prostituição comandada pelo delegado resultou na morte de um travesti e duas prostitutas, uma delas grávidas. A ação gerou uma reação em passeata: prostitutas e travestis tomaram as ruas do centro de São Paulo para protestar contra as arbitrariedades de que eram vítimas. No dia 12 de junho de 1982, dia dos namorados, “mostravam a cara pela primeira vez” (BÁRBARA; LEITE, 2007, p.9). Uma assembléia realizada no Teatro Ruth Escobar, que contou com o apoio de intelectuais e artistas, teve como resultado o afastamento do delegado e a divulgação dos acontecimentos ocorridos.

Segundo Guimarães e Merchán-Hamann (2005, p.527), o início do movimento das prostitutas coincide com um período de grandes mobilizações sociais para o restabelecimento da democracia e busca do exercício pleno da cidadania no país, após 20 anos de ditadura militar (GUIMARÃES; MERCHÁN-HAMANN, 2005, p.525-544)¹⁷. Esse período de restabelecimento da democracia também coincide com o surgimento da epidemia de AIDS no Brasil, considerada, nesse momento, como um fenômeno restrito aos grupos de risco.

A história do movimento das prostitutas parece estar, de certa forma, ligada à luta contra a epidemia de AIDS no Brasil. Ou, pelo menos, esta lhe serviu como argamassa em determinado momento. Tanto integrando o segmento das prostitutas aos demais movimentos que se articulavam em torno do tema, quanto sedimentando e intensificando um discurso político que responde às discriminações e preconceitos dirigidos aos “grupos de risco”. A politização do movimento de prevenção do HIV/AIDS para a sociedade em geral também se apresenta, segundo esses autores, como peça importante a compor a estratégia de obtenção da legalização da profissão. Uma parceria aos olhos de muitos, inclusive Gabriela Leite, essencial.

Por não ter cura e expor as sexualidades subterrâneas, a AIDS suscita questões que passam ao largo das idéias de sociedade produtiva, das mentes que só conseguem pensar nesse modo de produção, que pensam que só deve haver uma mudança dessas relações e ponto final. Lidando com sexo e morte, a AIDS coloca na mesa: drogas, sexualidade, prevenção, contaminação, que são cartas que não deixam esconder as minorias. Agora, de forma inevitável, as minorias terão que ser, forçosamente, ouvidas. E nenhum partido político está preparado para isso. Jamais aceitaram, sequer, a existência das minorias, quanto mais discutir com elas.

¹⁷ Os autores citam Richard PARKER, 1994, p. 88; e Carlos Artur PASSOS, 2003, p. 23 para fundamentar seu argumento.

A plástica superficial da sociedade, seja pela direita ou esquerda, não atua numa questão como essa da AIDS, porque a saída está pelo específico, encarando a situação, dando o nome verdadeiro a cada boi. (LEITE, 1992, p.148).

O papel estratégico dessa aliança está relacionado com a anuência ao movimento de prostitutas pelos demais, pois que havia certas dificuldades no reconhecimento deste como um movimento social (BRASIL, 2002 *apud* MELLO, 2007, p.55). Apesar de salientar sua antecedência em relação à epidemia, Gabriela reconhece a importância das articulações ao redor da epidemia para o fortalecimento de seu movimento.

[...] faz parte também da história do nosso movimento a luta ligada à AIDS. Porque onde a gente conseguiu se encontrar mais foi a partir do Programa nacional de DST/AIDS, que começou toda uma história de trabalhar diretamente com a gente e tal. [...] Mas, é uma das histórias, e agente sempre diz pra todo mundo que a gente começou o nosso movimento antes da AIDS. A AIDS entrou na nossa vida depois, só que de repente ficou uma coisa grandona e todo mundo começou a discutir só AIDS, né, muitas ONGs, algumas, né. E aí hoje em dia nós vamos voltar tudo pra trás, a história é essa, essa, essa. (LEITE, 2007)¹⁸.

O I Encontro Nacional de Prostitutas aconteceu em 1987. E foi aí que nasceu o embrião da Rede Brasileira de Prostitutas (RBP). O encontro reuniu prostitutas de onze estados brasileiros, para discutir questões relativas à prostituição. Seu resultado mais imediato foi a criação de várias associações regionais em todo o território nacional. Os objetivos dessas associações são “a formalização das relações de trabalho na prostituição; o combate às múltiplas formas de violência que sofrem as prostitutas; e a luta pela dignidade das profissionais do sexo, ancorada no resgate da auto-estima destas mulheres e na crítica ao estigma que sobre elas recai” (BÁRBARA, 2007, p.10). Entre as associações mais antigas está a Davida – Prostituição, direitos civis e Saúde, fundada em 1992 por Gabriela Leite.

A RBP assume, desde seu nascimento, a missão de articular politicamente o movimento organizado de prostitutas e fortalecer a identidade profissional da categoria. Objetiva lutar pelo exercício pleno da cidadania, pela redução do estigma e da discriminação. “Para isso, assessora a formação e capacitação de associações de prostitutas (que atualmente somam 30), apóia e promove eventos e encontros da categoria, formula políticas públicas em parceria com órgãos governamentais e luta para obter o reconhecimento legal da profissão” (Mello, 2007, p.64).

Os princípios políticos estabelecidos pelo movimento organizado de prostitutas fundamentam-se na auto-representação e na auto-determinação. A RBP criou no IV Encontro sua Carta de Princípios, e definiu critérios de adesão à Rede. Ambos divulgados no jornal online *Beijo da Rua* em 6 de dezembro de 2008.

“A prostituição é uma profissão, desde que exercida por maiores de 18 anos”, é o primeiro princípio do movimento organizado de defesa e promoção dos direitos das prostitutas. Logo após, a Rede defende a regulamentação da profissão e se declara contra a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes, reafirmando a contribuição que a formalização poderá dar ao fim da exploração.

Em seguida vem o repúdio à criação e à existência de zonas delimitadas e confinadas ao controle sanitário, a quem associa prostitutas com criminalidade e ao tráfico de seres humanos. A Rede defende, no entanto, o direito de migração para o trabalho legal, assim como o turismo sexual como forma de trabalho para maiores de 18 anos, lembrando que não há crime algum em ser solicitada e

¹⁸ Entrevista concedida à Andréia Skackauskas Vaz de Mello, e publicada em: Burocratização e institucionalização das organizações de movimentos sociais: O caso da organização de prostitutas Davida. Dissertação (Mestrado em ciências humanas). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFMG, 2007.

fazer programa com estrangeiro. Relacionado a este princípio, combate a criminalização de clientes, como vem ocorrendo em alguns países.

Ao defender o acesso aos serviços de saúde integral, inclusive aos insumos de prevenção de DST/Aids, a Rede também rejeita o oferecimento de exames e outros procedimentos médicos nos locais em que se exerce a prostituição, a não ser em casos que envolvam a população em geral.

Outros princípios do movimento completam a Carta: o repúdio à vitimização; o combate à discriminação, ao preconceito e ao estigma; a promoção da auto-organização da categoria e a defesa de que as prostitutas assumam a profissão em todos os espaços. E, novamente com objetividade e clareza, as putas organizadas decretam: não vendemos o corpo, prestamos serviços sexuais; o trabalho sexual é um direito sexual¹⁹.

Relativamente a legalização da profissão avanços importantes como o seu reconhecimento como uma atividade profissional pelo Ministério do Trabalho e Emprego, na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), em 2002; e também com a apresentação do projeto de Lei do Deputado Fernando Gabeira, sobre o qual falou-se há pouco.

No âmbito das campanhas nacionais, um acontecimento relacionado à ajuda financeira norte-americana na luta contra HIV/AIDS, ocorrido em 2005, ilustra bem a capacidade de articulação política do movimento. Em fevereiro de 2003, o Secretário de Estado à época, Colin Powell, deu instruções às organizações não governamentais americanas de que não poderiam usar fundos do governo americano para “articular, promover ou defender a legalização ou regulamentação da prostituição como forma legítima de trabalho...”. No Brasil, a comissão nacional interveio e, em 2005, o governo brasileiro recusou US\$ 40 milhões de ajuda dos EUA, com base em que “o requisito da administração Bush... prejudicaria os esforços do país para enfrentar a doença e em que essa política era uma interferência contrária à política brasileira relativa à diversidade, aos princípios éticos e aos direitos humanos” (KEMPADOO, 2005, p.55-78)²⁰. A ONG Davida, segundo Mello, teve papel fundamental na decisão do governo brasileiro. O que demonstra seu protagonismo nos agenciamentos dessa luta.

A partir de agora é exatamente a estrutura e o discurso dessa ONG que se pretende abordar. Entretanto, antes disso, é preciso abrir um parêntese para apresentar a criadora da Davida – Gabriela Leite –, seu discurso, e sua grande responsabilidade na criação e condução não apenas da ONG Davida, mas de todo o movimento das prostitutas no Brasil. Pioneira no movimento de prostitutas no Brasil, Gabriela tem posição protagonista e inovadora na história de luta dessas profissionais contra o preconceito.

1.2.1 A trajetória de Gabriela Leite

Foi quando eu a vi. Caminhando pela rua, em minha direção, uma mulher magra, com os quadris se sobressaindo, bem-vestida, segurança imensa no olhar e um sorriso maroto nos lábios. Não era bonita, mas transparecia no seu modo de andar tanto encanto e segurança que meus olhos se fixaram nela, a tal ponto que eu não tinha coragem de deixar de observá-la. Ela era diferente de todas as pessoas que haviam passado por mim. Não estava toda em preocupações, olhando para o chão como todos. Pelo contrário: a cabeça erguida, desafiando o mundo, fazia com que as pessoas levantassem seus

¹⁹ Disponível em: www.beijodarua.com.br. Acesso em: 13 mai. 2009.

²⁰ O caso também é citado em LENZ, Flávio. Daspu – a moda sem vergonha. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

rostos para olhá-la... Ela parou, olhou para os lados, antes de entrar em um prédio sujo e escuro. (LEITE, 1992, p.10).

Nasceu e foi nomeada Otilia. Mais tarde, ao “cair na vida” escolheu seu nome de guerra por causa do romance *Gabriela Cravo e Canela*, do escritor baiano Jorge Amado. Oriunda da classe média paulistana, antes de tornar-se prostituta estudou sociologia na USP.

Esteve presente desde o início do movimento que, como foi dito, estava relacionado com o acontecimento na Boca do Lixo. Tanto esse, como boa parte dos acontecimentos subseqüentes, estão, de alguma forma, relacionados com a trajetória dessa prostituta, fundadora e coordenadora da ONG Davida.

Minha militância política começou na prática, não partidária. Milhares de prostitutas e travestis fechando o centro de São Paulo em pleno dia. Foi em 1979, na briga contra o delegado Richetti, que estava prendendo e torturando o pessoal do Bocas (LEITE, 1992, p.85).

Na passeata percebi que, se nós conseguíamos realizar aquilo no centro de São Paulo, é porque dava pra fazer outras coisas mais. No auge da excitação com a passeata, algumas perguntas brotaram na minha cabeça: “Por que nós não nos organizamos de uma maneira mais permanente?”, “por que a gente não se organiza contra a violência policial?” Comecei a ver nisso um trabalho político seríssimo, concreto, que faz parte do dia-a-dia da prostituição. (p.86).

Começou a trabalhar como prostituta na cidade de São Paulo, de lá para Belo Horizonte e daí para o Rio de Janeiro. Ao chegar no Rio, passou rapidamente por Copacabana, mas acabou se estabelecendo mesmo no Mangue, zona de baixo meretrício, hoje tendo o nome de “Vila Mimosa”.

E quando dei de cara com o mangue foi uma paixão à primeira vista. Senti que não ia sair de lá tão cedo, que aquele casamento tinha tudo para dar certo. E foi o que aconteceu. (p.44).

Foi a partir de um trabalho com as crianças da zona, na Vila Mimosa, que acabou ingressando em um programa de recuperação de prostitutas do Banco da Providência, ligado a arquidiocese do Rio de Janeiro. Mais tarde, uma entrevista de página inteira que Gabriela deu à Folha de São Paulo afirmando que gostava de ser prostituta, serviu com desculpa para expulsá-la do programa.

Através de Leonardo Boff, Gabriela inicia sua história com a Teologia da Libertação e com a Pastoral. Seu discurso soou bastante estranho no primeiro encontro que participou, em Salvador, quando se apresenta com a seguinte fala: “ao contrário da minha colega, eu não sou menina, sou uma prostituta mesmo”. Porém, afirma que durante algum tempo foi domada pelas idéias da Teologia da Libertação, que pregava uma sociedade ideal, “sem exploração, sem opressão e... sem prostitutas”.

Quando eu conheci o pessoal da Teologia da Libertação, que trabalhava com prostitutas, minha primeira impressão foi que o discurso deles era realmente avançado, revolucionário. Eu, que até então ouvia todo mundo só falar mal da prostituição, encontro uma turma que fala ‘a prostituição é decorrência do capitalismo selvagem, temos que estar junto com essas mulheres...’, fiquei maravilhada. Aí entrei na onda, entrei legal. Otária pra caramba. (LEITE, 1992, p.94).

A líder funda no ISER (Instituto de Estudos da Religião) um programa sobre prostituição que desencadeia uma série de ações e intervenções, com o objetivo de atingir prostitutas em todo o país. Participa tanto na gestão de pesquisas e no trabalho com as multiplicadoras de informação, como na organização da primeira associação de prostitutas do Brasil, na Vila Mimosa, no Rio de Janeiro.

Quando ainda era integrante do ISER planeja e organiza, juntamente com outras prostitutas vinculadas à Igreja Católica, principalmente através da Pastoral da Mulher Marginalizada, o I

Encontro Nacional de Prostitutas, em 1987. Esse encontro é marco importante em sua representação política no movimento de prostitutas. A partir dele se destaca frente a coordenação da RBP.

Quando sai do ISER, sai “munida de capital simbólico – experiência, contatos, recursos – capaz de fortalecer seu carisma pessoal” (MELLO, 2007, p.83). Nesse momento arrebanha o apoio das prostitutas, de grupos de intelectuais, setores da classe média, políticos e ONGs. Em seu discurso preconiza um novo lugar para a prostituta dentro da sociedade. Com ele estabelece uma importante passagem na elaboração de novos discursos e práticas políticas que buscam modificar a auto-imagem da prostituta marginal presente no imaginário do senso comum.

A mesma mentalidade preconceituosa nas feministas gera aquela idéia manjada (que não é marxista, segundo elas...) de que a prostituta “demonstra a grande exploração da mulher pelo homem”. Isto é pequeno em relação à vida, é uma visão estreita. As feministas, com todas as suas teorizações, insistem em se manter alienadas. Só que a vida, mais além dos livros e teses feministas, é muito complexa, não é maniqueísta, é complicada mesmo (LEITE, 1992, p.87).

Falar da prostituição através da pobreza é passar ao largo da sexualidade. Essas pessoas que se dizem progressistas gostam de tratar prostitutas como vítimas, e desta maneira elas perdem suas identidades e cidadanias para a “maldade intrínseca do sistema”. Outra forma de tratar o assunto, seria dizer que essas prostitutas são pobres, não têm acesso a nada, e que devem lutar para ter; mas isso seria oficializar a existência da prostituição e eles não têm coragem. Preferem essa discursão, improdutiva como eles próprios (LEITE, 1992, p.168).

O que se destaca a respeito da trajetória de Gabriela é sua peculiaridade. Se seu discurso, quando proferido nos primeiros tempos, e certamente ainda hoje, provoca espanto a alguns, sua vida não deixa por menos. É estranha tanto aos padrões da prostituta, quanto da socióloga. E, talvez, justamente por misturar instâncias normalmente separadas tenha posição de destaque nesse panorama.

Se eu fosse uma pessoa oriunda da Vila Mimosa, talvez não estivesse brigando. Mas já cheguei à prostituição com um pouco mais de visão e esclarecimento. Não há sorte nisso. [...] E como também não sou excepcional, apenas confirmo a regra, sendo uma exceção; assim procuro ir servindo de ponte entre dois mundos tão diversos (Leite, 1992, p.152).

1.2.2 A ONG Davida

Fundada em 1992 por Gabriela Silva Leite, que a coordena até hoje, a ONG Davida promove a cidadania das prostitutas. Sua missão proclamada é

criar oportunidades para o fortalecimento da cidadania das prostitutas, por meio da organização da categoria, da defesa e promoção dos direitos, da mobilização e do controle social (DAVIDA)²¹.

Seus objetivos são

Assegurar o protagonismo e a visibilidade social das profissionais do sexo;

Promover políticas públicas para a categoria e exercer o controle social;

Obter o reconhecimento legal da profissão;

Promover a organização de classe, assessorando a formação de associações e capacitando suas lideranças;

Reduzir a vulnerabilidade da categoria, especialmente nas áreas de direito legal, saúde e segurança;

²¹ Disponível em: www.davida.org.br. Acesso em: 9 ago. 2008.

Denunciar e enfrentar o estigma, o preconceito e a discriminação que atingem as profissionais do sexo;

Garantir e divulgar benefícios sociais para a categoria;

Conquistar melhores condições de trabalho e qualidade de vida para as profissionais do sexo. (DAVIDA).

Em seu quadro de funcionários: 22 indivíduos – voluntários, colaboradores e membros efetivos da organização. São eles: as multiplicadoras; a líder ou diretora executiva – responsável pela parte política; o assessor de imprensa e diretor adjunto²²; a secretária; a arquivista; o assistente financeiro; o administrador financeiro; a coordenadora de projetos – responsável por todas as atividades artísticas; a colaboradora que apóia a assessoria de imprensa internacional; a colaboradora que fez uma pesquisa oral e orienta pesquisas acadêmicas.

O discurso da ONG representa todas as prostitutas, mas é preciso esclarecer que o grupo está identificado, principalmente, com as prostitutas das imediações da Praça Tiradentes. Alguns dados de visibilidade tais como as casas, ruas e roupas, podem ajudar a aumentar a percepção que se tem dessas prostitutas.

Existe uma característica arquitetônica interessante em todas as zonas brasileiras: estão fixadas no bairro histórico da cidade. As casas estão caindo aos pedaços, e essa falta de manutenção está, invariavelmente, associada à degradação do viver clandestino que é introjetado assim: as prostitutas só podem viver na coisa ruim, então cuidam mal do local onde trabalham. Além disso, há motivos econômicos e sociais bem concretos: a prostituição ocupa, em princípio, áreas desvalorizadas. E a zona não pode ficar em local de circulação de gente de bem. (LEITE, 1992, p.126).

O mangue é um mundo próprio. Era onde eu ganhava meu dinheiro, comprava minhas roupas, me alimentava, me divertia. (p.70).

A zona é um mundo como outro qualquer, às vezes tenho a imagem romântica de uma cidade dentro da cidade. (p.70).

Outros, como valor que ganham por programa e a frequência dos clientes, também contribuem para esse fim.

Assim como em outros séculos, as prostitutas da Praça Tiradentes são menos valorizadas que as de outros bairros. Tayná, por exemplo, pede entre R\$ 20 e R\$ 50, dependendo das exigências do cliente, preço inferior aos cobrados na Zona Sul. (OLIVEIRA, 2000, p.14).

Domingo de manhã tem muito cliente. Dia que o Flamengo ganha também. Dia de eleição a zona enche. (LEITE, 1992, p.70).

O limite de idade para uma prostituta depende muito de onde ela trabalha. Em Copacabana, por exemplo, com 30 anos já não dá mais para trabalhar, enquanto no mangue você encontra mulheres de 60 anos. (LEITE, 1992, p.76).

Os principais instrumentos da ONG são ações nas áreas de educação, saúde, comunicação e cultura, de nível local e nacional²³.

Na área da saúde, dez prostitutas denominadas multiplicadoras de informação, supervisionadas por uma coordenadora de projetos, trabalham no contato entre a ONG e as prostitutas de rua. Também prostitutas, as multiplicadoras trabalham em regiões como Central do Brasil, Tiradentes e

²² Flavio Lenz também é, há muitos anos, companheiro de Gabriela.

²³ Disponível em: <http://www.bejodarua.com.br/>. Acesso em: 18 mar 2008.

Copacabana, o que facilita a aproximação com as demais prostitutas dessas regiões. Entre suas funções está a distribuição de preservativos, o repasse de informações sobre o movimento, a solução de dúvidas e questões relativas à saúde, estética e direitos civis. As multiplicadoras reúnem-se com sua coordenadora uma vez por semana para avaliar o andamento do trabalho, discutindo dificuldades e questões abordadas pelas prostitutas na rua. Recebem treinamento sobre DST/AIDS e organização política e auxílio da dissolução do estigma (MELLO, 2007, p.76).

O trabalho de prevenção e divulgação de informação se concretiza, em grande parte, através de realizações culturais. Mesmo antes do lançamento da Daspu, diversas atividades culturais foram criadas com o intuito de sensibilizar prostitutas, clientes e comunidade relativamente à causa. Através de realizações como “Mulheres Seresteiras” ou “Cabaré da Vida”²⁴, utilizam linguagem musical e teatral, respectivamente, para levar informações pertinentes à diferentes aspectos da vida prática relativamente à prevenção, como formas de negociação com o cliente quanto ao uso do preservativo, por exemplo. Mas, de forma subjacente, também atuam como instrumentos para fortalecer a auto-estima das prostitutas. Trabalham nessas iniciativas culturais as mesmas multiplicadoras e também Gabriela Leite.

O projeto “Mulheres Seresteiras”, por exemplo, começou a ser concebido quando a ONG foi convidada pela Subprefeitura do Centro para participar da revitalização cultural da região, tendo em vista as transformações que iriam ocorrer com o Projeto Monumenta/BID²⁵. Há um certo desconforto relativamente a esse tema, pois a prática é, ao revitalizar, expulsar as prostitutas do local. Ao mesmo tempo que é um projeto cultural é também um movimento político.

“Mulheres Seresteiras” é um ato político porque também nega a nossa saída da praça em função das transformações que vão acontecer. As putas estão aqui, na praça, desde o século XIX e aqui vão continuar. (LEITE, 2004)²⁶.

Há ainda o bloco carnavalesco “Unidos da Praça Tiradentes”, organizado pela ONG, que desfila no sábado de carnaval.

A Davida também tem um projeto para o centro de memória das prostitutas em andamento. Idealizado como um arquivo de acesso público que consiste de informações sobre a história do movimento, documentos sobre prostituição, pesquisas e estudos (MELLO, 2007, p.80). O projeto inclui uma biblioteca, em fase de implementação. Que, aliás, cumpriu um importante papel nesta pesquisa, pelo criterioso cuidado com que reuniu informações de mídia sobre a Daspu. Outro projeto em andamento prevê a realização de estudos e pesquisas sobre militância e cidadania dirigidas à categoria.

²⁴ A peça “Cabaré da vida”, escrita por Flavio Lenz, editor do Beijo, se passa em um cabaré. Um garçom, três prostitutas e três clientes discutem com Lorival - malandro bom de papo - que não quer saber de prevenção: “Eu sempre vim na zona e nunca precisei botar vela no meu mastro de navio”. Mas a experiente Ritinha contra-argumenta para defender e promover o uso da camisinha: “Me aproveita, Loriva, o cabaré é melhor local pra você aprender a se prevenir. Ou você não sabe que a aids pega qualquer um e que qualquer um pega ela. Agora, me pegar, depende...”. (Flavio Lenz, *Beijo da Rua*, julho/agosto 2005)

A peça estreou em 1994 no Teatro Rival, no Rio. No ano seguinte, foi encenada em locais públicos, como Cinelândia e Central do Brasil. Em uma segunda temporada (1999-2000), teve apoio do Programa Nacional de DST e AIDS, do Ministério da Saúde, e da Unesco. Realizou uma terceira temporada, 2005-2006. Em praças públicas ou em teatros, a presença do público é sempre gratuita. As prefeituras e organizações locais apóiam a realização do evento.

²⁵ Projeto de revitalização da Praça Tiradentes.

²⁶ LEITE, G. Rio de Janeiro: *Beijo da Rua*. Entrevista concedida à Flavio Lenz, em dez. 2004. Disponível em: www.bejodarua.com.br. Acesso em: set. 2008

1.2.3 O discurso do movimento

Um importante aliado na divulgação das políticas e eventos culturais da ONG é o jornal *Beijo da Rua*. O veículo de comunicação foi idealizado durante o I Encontro Nacional de Prostitutas, em 1987, no Rio de Janeiro, pelas 70 mulheres dos 11 estados que participaram. Sua função seria a de disseminar informações sobre a categoria e, desta forma, contribuir para o movimento organizado. Em dezembro de 1988, um ano depois, a edição piloto do jornal impresso é concebida e apresentada, em Recife, durante outro evento das profissionais do sexo. O jornal se apresenta hoje nas versões impressa e online e trata de assuntos como saúde, cidadania e legislação. Tem periodicidade de dois meses e distribuição gratuita entre as prostitutas, realizada durante o trabalho das multiplicadoras e em eventos, como congressos, encontros, desfiles... O número 1 do tablóide foi lançado em abril de 1989, enquanto sua versão online somente 16 anos mais tarde, no sítio www.beijodarua.com.br (LENZ, 2004)²⁷.

O *Beijo da Rua* é distribuído em âmbito nacional, mas, segundo matéria do próprio jornal, chega ocasionalmente ao exterior. Cobre eventos nacionais e internacionais, publica reportagens sobre legislação, política e eleições, segurança, saúde, fantasias sexuais, travestis, perfis de prostitutas e histórias da zona, entre outras matérias. O jornal também dá voz direta à prostitutas quando, na coluna *Papo Davida*, publica, ocasionalmente, artigos escritos por elas. Em outra coluna, denominada *Coluna da Gabi*, Gabriela Leite discute e levanta questões pertinentes à profissão. Na inauguração da coluna, Gabriela aponta a vocação do tablóide e dá pistas para elucidar a origem do projeto.

Esse era um grande sonho que eu tinha. Desde os áureos tempos em que surgiu nas bancas de jornal "O Lampião"²⁸, que eu imaginava o movimento de prostitutas tendo um jornal, onde se pudessem discutir todas as questões que dizem respeito a nossa amada-maldita marginalia... Como um dia mostrei o meu rosto de prostituta, e todos os que o viram ficaram chocados pois perceberam que não era diferente do de outras mulheres, o meu sonho é ver outras e muitas outras prostitutas mostrarem também o seu, para a angústia de nossos moralistas, assumidos ou não²⁹.

Todas as atividades desenvolvidas pela ONG procuram, além das ações de prevenção, desenvolver o respeito próprio e o orgulho nas prostitutas, principalmente em relação à sua profissão. Além disso, promovem visibilidade às idéias e reivindicações não apenas da ONG, mas de toda a Rede Brasileira de Prostitutas.

Quanto ao papel dessas expressões artísticas relativamente à imagem pública do movimento, é possível pensar que a diversidade de linguagens propicia a associação com artistas de expressões culturais variadas como diretores, atores, escritores, etc., o que, de uma determinada maneira, acentua o aspecto vanguarda do movimento, conferindo-lhe uma face contra-cultura. Obviamente que essa associação não favorece somente às prostitutas. Também a arte (ou os artistas) parece, de alguma maneira, se favorecer(em) do aspecto transgressor presente na prostituição, quando esta lhe oferece um meio de exercer sua veia contestadora, frequentemente presente nas linguagens de arte. Assim como prostitutas se interessam por arte; a arte, nas expressões de suas múltiplas linguagens, também tem se interessado por prostitutas. Seus encantos, sua imagem, seu corpo.

²⁷ Flavio Lenz, dez 2004. Disponível em: www.beijodarua.com.br. Acesso em: set. 2008.

²⁸ O jornal "O Lampião" surge em 1977, em meio ao processo de retomada da democracia. Tinha como objetivo divulgar a luta dos chamados "setores oprimidos" (mulheres, negros, índios e homossexuais) mas, na prática, era quase que totalmente voltado para a comunidade homossexual.

²⁹ Disponível em: www.beijodarua.com.br. Acesso em: set. 2008.

Acredita-se que a diversidade dessas propostas culturais anteriores oferece credibilidade histórica à grife. O que também leva a refletir sobre o senso de oportunidade em relação à criação da Daspu. Não há dúvida de que tenha sido uma jogada com a ocasião, mas é preciso chamar atenção para o fato de que a visibilidade alcançada pela Grife não foi fruto somente do acaso³⁰, mas de uma história de lutas e militância, podemos dizer, políticas e culturais. Basilares não somente para o recebimento da notícia pela mídia, mas principalmente por sua manutenção por esses quatro anos de existência.

Se a luta e militância políticas são instantaneamente percebidas, é preciso explicar melhor o que se quer dizer com luta e militância culturais. Ao propor diferentes projetos culturais no espaço de trânsito das prostitutas, a ONG tem, obviamente, intenções educativas. Existe a intenção de se educar a prostituta quanto ao uso da camisinha, ou da realização de exames... Como também existe a educação cultural, mantendo o consumo de diferentes linguagens de arte através da oferta de projetos gratuitos. Mas, existem outras questões que estão indiretamente ligadas à educação, mas têm alto lucro com o conjunto, a insistência e a frequência desses eventos: são questões identitárias, que contribuem para a conformação das mulheres dessa profissão. Para além das conseqüências da diversidade de projetos culturais na construção da imagem pública do movimento Davida e da marca Daspu, é preciso pensar que essa variedade e constância tem importância fundamental na construção do amor próprio das prostitutas.

É preciso lembrar que grande parte das prostitutas cultivam uma vida dupla. Ocultam o fato de trabalharem como mulheres da vida; seja por vergonha: sua própria, de filhos e maridos; seja por medo de discriminação. Desenvolver nelas o orgulho por exercer tal profissão, propicia-lhes o direito a uma vida sem a ansiedade dessa vergonha. Essa chamada ao orgulho que está presente em grande parte das ações da ONG, também é tema eleito em muitos dos textos de Gabriela nas suas colunas no *Beijo da Rua*.

Ando muito preocupada com a questão do estigma, isto é, a marca que nos segue de simplesmente sermos prostitutas. É uma marca tão forte, mas tão forte, que faz com que a gente passe a assumir essa marca, e daí começamos a ter preconceitos de nós mesmas e temos vergonha de exercer a profissão e achamos que prostituição não é uma profissão e acreditamos que estamos no último degrau da vida, e blablablá blablablá... Mas se temos a consciência de que somos especialistas em fantasias sexuais, que não vendemos e nem alugamos nosso corpo e sim vendemos fantasias sexuais a homens ávidos dessas fantasias, então seremos mais felizes e poderemos viver nossa profissão com mais tranquilidade e até com orgulho. Eu tenho orgulho de ter exercido por tantos anos essa profissão. Tenho orgulho de conhecer homens e suas fantasias, tenho orgulho de ter dado felicidade a esses homens quando consegui entender suas fantasias. (LEITE, 2002).

Quando busca caminhos para extinguir o estigma presente na profissão em sua coluna no jornal, Gabriela Leite insinua que linguagem de arte não é meramente “usada”, mas literalmente produzida, pelo movimento e pelas prostitutas. E talvez não somente em expressões com a Daspu, ou “Seresteiras”, ou o *Beijo da Rua*, mas no próprio trabalho que fazem.

[...] acredito piamente que devemos levantar a cabeça, aceitar com todas as letras que fazemos sexo por dinheiro e a cada dia atender melhor nossos homens. Eles merecem, nós merecemos. Somos artistas do sexo com muito orgulho. (LEITE, 2002).

Não somente a coluna da Gabriela, mas todo o jornal parece ter essa premissa muito bem desenvolvida. Em suas reportagens, a vida real é transformada em romance, em espetáculo. Mesmo antes do aparecimento da Daspu. Flavio Lenz usa linguagem romanceada para relatar os

³⁰ Refere-se ao relato sobre o aparecimento da marca na mídia. Ver capítulo 3.

acontecimentos importantes ao movimento, seja quando relata eventos culturais promovidos pelo movimento, seja quando conta casos reais acontecidos com alguma prostituta.

A noite estava convidativa. Um clima ameno, gostoso, tomava conta da Praça Tiradentes, Centro do Rio de Janeiro. A chuva ia e vinha, mas pouco atrapalhava. O público exibia uma expectativa fora do comum. Como seria o show “delas”? [...] Por volta das 22h começa o show. As seresteiras estavam elegantemente vestidas, microfone nas mãos. O público aplaude. Elas ficam mais excitadas (LENZ, 2004).

Ainda nas edições do *Beijo da Rua*, na coluna intitulada *Esquina Daspu*³¹, as charges de Aliedo também contribuem para criar uma imagem da prostituta bem distinta da pobre, submissa e indefesa. Sempre poderosas, as prostitutas são comparadas a psicólogas, ou têm desempenho formidável na conquista de parceiros.

Há, em toda parte, uma luta militante contra a idéia da prostituta submissa, que é então transformada em poderosa mulher da vida.

Há uma interpretação subjetiva também do próprio papel dessa multiplicadora que é transformada em artista, seja cantora, atriz ou manequim. Assim, a atividade de prevenção, muito além da luta contra a epidemia, luta contra o preconceito presente na sociedade e na própria prostituta. (MELLO, 2007, p.106).

Esse breve estudo do discurso da Davida chama a atenção para um importante fator que terá destaque na trajetória da Daspu: a habilidade e experiência na articulação de um discurso bem conformado através da imprensa. A contratação de um assessor de imprensa e a criação de um jornal para o movimento são os aspectos que apóiam essa afirmação. Em todos os exemplos dessa experiência anterior, a Davida, através das diferentes linguagens artísticas, articula um discurso que está longe de ser submisso. A criação da Daspu não difere dessa premissa, porém ela precisa desencadear, de um modo novo, ações que incidirão em outros espaços também novos à realidade da ONG; principalmente relacionadas às muitas searas presentes no meio moda, que serão estudadas a seguir.

³¹ É preciso sublinhar que o nome da coluna foi modificado depois do aparecimento da marca Daspu, pois enquanto a coluna existe desde o lançamento do jornal impresso, em 1987, a Daspu só será lançada em 2005.

BIBLIOGRAFIA

- BÁRBARA, Anna Maria. **As meninas da Daspu**. Teresópolis, Rio de Janeiro: Novas Idéias, 2007.
- BARNARD, Malcolm. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. São Paulo: Editora Nacional: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- _____. **Da Jóia à Bijuteria**. In: Inéditos Vol. 3 – Imagem e Moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. Campinas – SP: Papirus, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CALDAS, Dario. **Observatório de sinais: teoria e prática da pesquisa de tendências**. Rio de Janeiro: Editora SENAC Rio, 2004.
- CARLI, Ana Mery Sehbe de. **O Sensacional da moda**. Rio de Janeiro: Educs, 2002.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é erotismo**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- CORRÊA, Sonia. Cruzando a linha vermelha: questões não resolvidas no debate sobre direitos sexuais. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 12, n. 26, p. 101-121, jul./dez., 2006.
- COSTA, Juan. **A imagem da marca: um fenômeno social**. São paulo: Edições Rosary, 2008.
- CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática de Base**. Rio de Janeiro: Fename, 1981.
- _____. **Gramática do português contemporâneo: edição de bolso**. Org. Cilene da Cunha Pereira. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Postulados da lingüística. In: **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. p.11-60
- DOEZEMA, Jo. Loose Women or Lost Women? The re-emergence of the myth of 'white slavery' in contemporary discourses of 'trafficking in women'. In: **Gender Issues**. vol. 18, no. 1, p. 23-50, 2000.
- FEGHALI, Marta Kasznar; DWYER, Daniela. **As engrenagens da Moda**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2004.
- FONTANEL, Béatrice. **Sutiãs e espartilhos: uma história da sedução**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de Saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GASPAR, Luiz Carlos Conde; GRIECO, Vivian Barbosa; JUNIOR, Marco Aurélio Centenaro; MACIEL, Renata de Luna Freire; REZENDE, Cassiano Ricardo Coimbra. **Daspu**. 2007. 279f. Monografia (Graduação em Propaganda e Marketing) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2007.

- GOLDENBERG, Mirian. Introdução. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2007. p. 07-13.
- _____. O corpo como capital. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2007. p. 17-31.
- GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: O corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). **Nu & Vestido – dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19-40.
- GOLDMAN, Emma. Victims of Morality. In: **Goldman's Mother Earth Journal**, 1913.
- GUIMARAES, Kátia; MERCHÁN-HAMANN, Egdar. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. In: Revista **Estudos Feministas**, Florianópolis, set.-dez., 2005. p. 525-544.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HUIGUANG, Zhang; LV, Luo. **T-SHIRT 500 camisetas**. Espanha: Instituto Monsa de ediciones. 2006.
- JEUDY, Henri-Pierre. Philippe Starck: ficção semântica. In: **Arcos**. Nº II. 1999. p. 45-69.
- KEIDEL, Fábio de Araújo. **Criação de marcas em movimentos sociais: uma análise do caso Daspu**. Rio de Janeiro, 2008. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Filosofia e ciências Humanas. Escola de Comunicação.
- KEMPADOO, Kamala. Globalizing Sex Worker Rights. In: KEMPADOO, K. e DOEZEMA, Jo. (Orgs.) **Global Sex Workers: Rights, Resistance and Redefinition**. Nova Iorque: Routledge, 1998, p.1-28; e Women of Color and the Global Sex Trade: Transnational Feminist Perspectives. *Meridians*, nº 3, 2001, p. 28-51.
- _____. Mudando o debate sobre tráfico de mulheres. In: **Cadernos Pagu**. nº 25, jul./dez. 2005. p. 55-78.
- LEITE, Gabriela Silva. **Eu, mulher da vida**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.
- _____. Quem entende a gente?. **Beijo da Rua**. Coluna da Gabi. abr. 2002. Disponível em: <http://www.beijodarua.com.br>. Acesso em: set. 2008.
- LENZ, Flavio. **Daspu – a moda sem vergonha**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.
- _____. **Beijo da Rua**. Dez. 2004. Disponível em: <http://www.beijodarua.com.br>. Acesso em: set. 2008.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- MACIEL, Luiz Carlos. **Vestindo sonhos e ideais**. In: A história da Camiseta, 1988.
- MALINOWSKI, B. **La Vie Sexuelle des Sauvages du Nord Ouest de la Mélanésie**. Paris: Payot, 1970.
- MARTINS, José Roberto. **O manual para você criar, gerenciar e avaliar marcas**. 3ª edição. 2006. Disponível em: <http://www.brandingemarcas.com.br/jose-roberto-martins>. Acesso em: 2008.
- MCDOWELL, Colin. **Fashion Today**. New York: Phaidon Press Inc., 2000.
- MELLO, Andreia Skackauskas Vaz de. **Burocratização e institucionalização das organizações de movimentos sociais: O caso da organização de prostitutas Davida**. Dissertação (Mestrado em ciências humanas). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFMG, 2007.
- MILLER, Daniel. Introduction. In: D KÜCHLER, Susanne e MILLER, Daniel (Org.). **Clothing as Material Culture**, 2005.

- MORAES, Eliane Robert; LAPEIZ, Sandra Maria. **O que é pornografia**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- OLIVEIRA, Roberta. **Praça Tiradentes**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 2000.
- PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu**, nº.25, Campinas, jul./dez., 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 set. 2008.
- POLHEMUS, Ted. **Street style, from catwalk to sidewalk**. London: Thames and Hudson, 1994.
- RAYMOND, Janice G. Ten Reasons for Not Legalizing Prostitution: And a Legal Response to the Demand for Prostitution. In: **Journal of Trauma Practice**. Nº 2, 2003. p. 315-332.
- RAYMOND, Janice G. Guest Editor's Introduction. in: **Violence against women**. Vol. 10, Nº. 10, oct., 2004.
- ROSETTI, Ana. **Roupas íntimas – o tecido da sedução**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SANTAELLA, Lúcia. Prefácio. In: CARLI, Ana Mery Sehbe de. **O Sensacional da moda**. Rio de Janeiro: Educs, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2009.
- _____ (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente – um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2006.
- SEELING, Charlotte. **Moda – o século dos estilistas: 1900-1999**. Könnemann Port, 2000.
- SIMMEL, Georg. **Fashion**. International Quartely, October 1904, p. 130-155, reimpresso em American Journal of Sociology, p. 541-558, may, 1957.
- _____. Psicologia da Moda. In: **Cultura Feminina**. Lisboa: Galeria Panorama, 1969.
- SOUZA, Pedro Luiz Pereira de. Entrevista. In: **Sinal, boletim eletrônico da ESDI-UERJ**. 28 jun., 2007.
- STEELE, Valerie. **Fetichismo - moda, sexo & poder**. Rio de Janeiro: Rocco, 1966.
- _____. **Fashion and eroticism**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História oral**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.
- VIANNA, Adriana e LACERDA, Paula. **Direitos e políticas sexuais no Brasil: mapeamento e diagnóstico**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2004.
- VIANNA, Adriana R. B.; CARRARA, Sérgio. Políticas sexuais y derechos sexuales en Brasil: un estudio de caso. In: **Sex Politics. Reports from the front lines**. Editado em versão eletrônica por Richard Parker, Rosalind Petchesky y Robert Sember. Disponível em: <http://www.sxpolitics.org>. Acesso em: 2008.
- VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred. **Em Nome do Corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. A expansão das marcas e o DNA periférico. In: **Dobras**. São Paulo: Estação das letras e cores, 2007. p. 59 – 65.
- VILLAS-BOAS, André. Prefácio. In: LENZ, Flavio. **Daspu – a moda sem vergonha**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.
- WILSON, Elizabeth. **Enfeitada de sonhos**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.
- WOODWARD, Sophie. Aesthetics of the self. In: D KÜCHLER, Susanne e MILLER, Daniel (Org). **Clothing as Material Culture**, 2005.

Conjunto de notícias analisadas

- ABDALLAH, Ariane. Filhos da P...: A puta que pariu. **TPM**. São Paulo, maio 2007, p. 28.
- ADRIANA Bombom. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 jan. 2006. Rio, p. 13.
- ALBUQUERQUE, Lina de. Daspu: Prostituição e moda. **Marie Claire**. jul. 2007. Estilo de Vida, p.66.
- ALENCAR, Marcus. Daspu estará presente no desfile da Caprichosos. **Extra**. Rio de Janeiro, 17 fev. 2006. Geral, p. 10.
- _____. Estilo nas passarelas fashion: A Grife Daspu leva irreverência para a Praça Tiradentes, no dia em que Gisele Bündchen desfila no Fashion Rio. **Extra**. Rio de Janeiro, 14 jan. 2006. O Assunto é Moda, p. 3.
- ANGEL, Hildegard. [Coluna da Jornalista]. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 21 dez. 2005. Caderno B, p. A6.
- _____. [Coluna da Jornalista]. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 7 mai. 2006. Caderno 2, p. 5.
- AÖR, Rodrigo. A moda que bate ponto. **Programa JB**. Rio de Janeiro, 20-26 jan. 2006. Variedades, p. 31.
- ARARIPE, Ana Paula; MÁIRAN, Paula. Sem-vergonha é a Daslu. **Extra**. Rio de Janeiro, 18 dez. 2005. Coluna Geral, p.14.
- ÁREAS, Camila. Revitalização da Praça Tiradentes. **O Povo**. Rio de Janeiro, 23 nov. 2005. Caderno Geral. p. 3.
- ASTUTO, Bruno. Funk Daspu. **O Dia**. Rio de Janeiro, 5 abr. 2006. O Dia D, p. 6.
- ATENÇÃO dividida. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 14 jan. 2006. Capa.
- BARALDI, Paulo. Daspu mostra suas criações fora da Bienal. Grife criada por prostitutas se apresenta no clube Glória. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 29 jan. 2007. Cidades – Metrópole - São Paulo Fashion Week, p. C8.
- BASTOS, Marcelo. Daspu, a grife das prostitutas. **O Dia**. Rio de Janeiro, 21 nov. 2005a. Caderno Nosso Rio, p. 4.
- _____. Uma grife feita por prostitutas. **Meia Hora**. Rio de Janeiro, 21 nov. 2005b. Caderno Geral, p. 6.
- BERGAMO, Mônica. A Daspu vem aí. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 8 jul. 2006. Ilustrada, p. 2.
- _____. A noite da Daspu na rua Augusta. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 12 abr. 2006. Ilustrada, p. E2.
- _____. A viagem Daspu. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 26 ago. 2006. Ilustrada, p. 2.
- _____. BR 69: Daspu na estrada. **Folha de São Paulo**. São de Paulo, 18 jul. 2006. Ilustrada, p. 2.
- _____. Noiva-Arte. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 7 out. 2006. Ilustrada, p. 2.
- _____. O mundinho fashion Daspu. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 11 dez. 2005. Caderno Ilustrada. p. E2.
- _____. Pu de luxo. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 30 mar. 2006. Ilustrada, p.2.
- _____. Sem Pu. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 23 out. 2006. Ilustrada, p. 2.
- BERLANDA, Viola. Fashion Street: Route di ti come scenografiae in passarella T-shirt con scritto: "le ragazze perdute sono pio rcearte" Fotostoria (com invitada speciale) di una sfilata evento che ha consacrato Daspu, lineadi abiti firmata dalle prostitute di Rio. una Glam rivoluzione a ritmo movida carioca; Che sta per sbarcare a Parigi. **Marie Claire**. Itália, set. 2006. p. 364 a 372.

- BERTOLDO, Sanny. Torcedoras da vida: Para prostitutas dia de jogos significa perda de dinheiro. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 jun. 2006. Copa 2006, p. 9.
- BESSA, Marcele. Do luxo a luxúria. **Jornal São Gonçalo**. São Gonçalo, 17 jun. 2006. Moda e Decoração, chamada na capa, p. 3.
- BIANCHINI, Fábio. A Daspu mostra coleção na capital de SC. **Diário Catarinense**. Santa Catarina, 27 jul. 2008. Geral, p. 27.
- _____. Kleider von der Straben: In Rio de Janeiro haben Prostituerte das modelabel Daspu gergundet-und mit ihre ersten kollektion die exklusive konkurrenz düplert. **Panorama**. Alemanha, 13 set. 2006, p. 9.
- BRAGA, Élcio. A batalha das 'Grifes'. **O Dia**. Rio de Janeiro, 02 dez. 2005. Nosso Rio, p. 13.
- _____. Moda Daspu para as gringas. **O Dia**. Rio de Janeiro, 13 dez. 2005. Nosso Rio, p. 4.
- _____. Periferia também entra em cena. Daspu vai estar em estande no Fashion Business e pólos de confecção se unem a estilistas famosos. **O Dia**. Rio de Janeiro, 7 jan. 2006. O Dia D, p. 6.
- BRANCO, Adriana Castelo; GIANOTTI, Rolland. Sonhos e armadilhas cercam o caminho das deusas da passarela. Revista **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 fev. 2006. p. 21.
- CAETANO, Filipe. Moda contra o preconceito: Organização Não Governamental de prostitutas brasileiras, Davida, lançou marca Daspu: é uma nova estratégia de luta contra a SIDA e outras doenças sexualmente transmissíveis. Paris já se rendeu à grife. **Portugal Diário Online**. Portugal, 16 jan. 2007.
- CALDEIRA, João Bernardo. Nudez não castigada. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 8 jan. 2006. Caderno B, p.1-2.
- CAMILA Pitanga inspira Daspu. **Giro**. Rio de Janeiro, 22-29 jun. 2007, p. 5.
- CAPRICHOSOS chocolate na avenida. **Domingo JB**. Rio de Janeiro, 26 fev. 2006. Carnaval 2006, p. 14.
- CARDOSO, Monique. Sou da vida mas estou na moda. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 11 jun. 2006. Caderno B - Entrevista, chamada na capa e p. 4 e 5.
- CECILIA, Cláudia. A onda do verão 2007: Branco total, tons vibrantes e universo gótico inspiram estilistas e no Fashion Rio. No Circo Voador, Daspu dá show. **O Dia**. Rio de Janeiro, 10 jun. 2006. O Dia D - Coluna Salto Agulha, p. 5.
- CERQUEIRA, Sofia. De parar o trânsito. **Veja Rio**. Rio de Janeiro. 02 mai. 2007. Perfil, p. 21.
- CHANG, Jack. Brazilian Prostitutes design clothes and win respect. **Miami Harald On line**. Maimi - Estados Unidos, 24 jul. 2006.
- CHOCOLATE com sabor amargo: Espírito Santo não protege de buracos, correria e até ventania. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 fev. 2006. Carnaval, p. 12.
- CRUZ, Christian Carvalho. Por dentro da Daspu. **Isto É Dinheiro**. _____, 22 fev. 2006. p. 46.
- CUNHA, Milton. _____. **O Dia**. Rio de Janeiro, 25 mai. 2006. O Dia D - Coluna Chapa Quente, p. 6.
- DASLU abre nova Meca do luxo. **Isto É dinheiro**. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoedinheiro/>. Acesso em: 15 fev. 2009. Divulgada em 30 mar. 2005.
- DASPU. **Asobist.com**. Japão, 24 jul. 2006.
- DASPU LANÇA sutiã com liga e short que facilita o *strip tease*. **Globo.com**. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/>. Acesso em 5 ago. 2008. Última atualização em 5 dez. 2008.
- DASPU Na pista - BR 69, em parceria francesa. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 jun. 2006. Rio, p. 30.

- DES TROTTOIRS du sexe de Rio de Janeiro aux podiums: Des prostituées ont présenté le dix premiers modèles de leur marque, Daspu. **Le Matin Monde**. França, 19 dez. 2005. p. 17.
- DESFILE da Daspu lança moda inspirada em caminhoneiros: Grife criada por ONG de prostitutas mostra sua coleção no Circo Voador. **Extra**. Rio de Janeiro, 10 jun. 2006. O Dia D, p. 5.
- DIAS, Paula Santos. Na contramão do fashion. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 mai. 2006. Fashion Rio, p. 34.
- DISITZER, Marcia. Daspu ganha os franceses: Grife é tema de reportagem em jornal e meninas da Vila Mimosa posam para revista. **O Dia**. Rio de Janeiro, 27 jun. 2006. O Dia D, p. 6.
- _____. No circo. **O Dia**. Rio de Janeiro, 3 jun. 2006. O Dia D - Coluna No Leque, p. 3.
- D'ORNELLAS, Natália. _____. **O Tempo online**. Disponível em <http://www.otempo.com.br/otempo/colunas/>. Acesso em 5 ago. 2009. Publicada em 25 maio 2008.
- E. Grecia, 23nov. 2006. p.206-207.
- FARAH, Alexandra. _____. **Chic Glória Kalil**. Disponível em: <http://chic.ig.com.br/>. Acesso em: 08 jan. 2008.
- FETICHE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 jan. 2006. Ela Fashion, capa.
- FILHO, Francisco Alves. Daspu, uma nova grife. **Isto É**. Rio de Janeiro, 26 nov. 2005. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>. Acesso em: 22 out. 2008.
- FUNK Daspu I. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 jun. 2006. Rio, p. 31.
- GARRIDO, Luiz. Gabriela presidente da Daspu. **Carta Capital**. _____, 02 fev. 2007. p. 66.
- GASPARI, Elio. Uma nova Grife. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20 nov. 2005. Caderno O País, p.16.
- GISELE entra. E todos babam. **Extra**. Rio de Janeiro, 14 jan. 2006. Capa.
- GOBBI, Nelso. Meninas da Daspu na Sapucaí. Prostitutas desfilam em carro da Caprichosos. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 28 fev. 2006. Carnaval, p. 5.
- GOIS, Ancelmo. Bush e a Daspu. **O Globo**. Rio de Janeiro, 8 mai. 2006. Rio, p. 12.
- _____. Camisa 69. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 jun. 2006. Rio, p. 14.
- _____. Coisa Chique. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 fev. 2006. Rio, p. 23.
- _____. Daspu é chique. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 ago. 2006. Rio, p. 30.
- _____. Daspu em Paris. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 jun. 2006. Rio, p. 20.
- _____. Daspu na Bienal. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 set. 2006. Rio, p. 24.
- _____. Eu gamo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 fev. 2006. Rio, p. 16.
- _____. Na terra da Daspu. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 jul. 2008. Rio, p.24.
- _____. Ninguém aguenta mais ouvir. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 nov. 2006. Rio, p.27.
- _____. Pé na estrada. **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 jul. 2006. Rio, p. 30.
- _____. Ponto Final. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 fev. 2006. Rio, p.17.
- _____. Ponto Final. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 jan. 2006. Rio, p.17.
- _____. Vende-se. **O Globo**. Rio de Janeiro, 31 mar. 2006. Rio, p. 16.
- GOMES, Rodrigo. Daspu invade o Sambódromo. **O Povo**. Rio de Janeiro, 21 fev. 2006. Geral, p. 6.
- GRIFE DE garotas de programa lança coleção em quadra de escola de samba: Daspu exhibe roupas criadas em parceria com universidade mineira na Unidos da Tijuca. Coleção primavera/verão tem tema medieval: 'Cruzadas, entre o botão e a espada'. **Globo.com**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/>. Acesso em: 8 ago. 2008.

- GRIFE de prostitutas Daspu não abrirá mão do nome: Prazo dado pela multimas de São Paulo termina na quarta. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 dez. 2005. Caderno Rio, p. 29.
- GUELLI, Pablo. Moda para mujeres de vida alegre. **Revista Cromos Online**. Colombia, 2 mai. 2006. Revista Online.
- GUTIÉRREZ, Bernardo. Prostitutas Fashion. **La Vanguardia**. _____, 15 out. 2006. p. 10.
- HALLACK, Jô. Todas as mulheres do mundo: A top Gisele Bündchen e as moças da Daspu. Praianas, românticas, ousadas e multicoloridas: elas aposta no charme da diversidade. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 jun. 2006. Ela Fashion, p. 5.
- HARZER, Erika. Nach Strich und Faden: Um Ihre elende soziale Lage zu verbessern, greifen brasilianische Prostituierte zur Selbsthilfe. Mit Dapu, einem Label für Monde "Von der Huren" und für Huren - das nicht nur landesweit, sondern inzwischen auch international für Aufsehen. **Die Tageszeitung Online**. Alemanha, 6 jan. 2007.
- HEISSE Klamotten Von leichten Mädchen. **News Ausland**. _____, 23 nov. 2006.
- JANNUZZI, Melissa. As boas compras. **Veja Rio**. Rio de Janeiro, 22 fev. 2006. p. 24.
- KEPP, Mike. From Streetwalk to Catwalk. **WWD**. _____, 26 dez. 2007. p. 10.
- LANDIM, Pedro; BRAVO, Zean. De peito aberto: Carnaval marca a volta dos seios de fora, moças de 'topless' ocupando até carro inteiros. **O Dia**. Rio de Janeiro, 1 mar. 2006. O Dia D, capa.
- LEFEBVRE, Claire; MONGIBEAUX, Daphné; ROUSSELLE, Stefania. Au Brésil, lès prostituées sont à La mode. **Le Monde Online**. França, 19 nov.
- LINS, Letícia. Quando o trabalho fashion salva os presos. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 abr. 2007. País, p.4.
- LUZ, Márcia ferreira. Daspu desfila peças da nova coleção de verão, criadas por prostitutas. **A tarde**. Salvador, 30 ago. 2007. Caderno 2, p. 8.
- MAIA, Leonardo. Marília Gabriela Entrevista. **Programa JB**. Rio de Janeiro, 19-25 mai. 2006. Em casa, p.46.
- MANULI, Gabriela. Las costureras que dierón el buen paso: La asociación que agrupa las trabajadoras sexuales porteña formó un taller . **El Observador** . Uruguai, 8 jan. 2006. Perfil, p. 10 e 11.
- MARIA, Cleusa. Questão de delicadeza . **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 10 jun. 2006. O Dia D, p.5.
- MARRA, Heloisa. Pu Davida. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 jan. 2006. Ela, p. 1 e 2.
- MARTINGO, Neide. Daspu deve crescer 30% este ano. **Diário do Comércio**. Rio de Janeiro, 10 jul. 2007. Caderno B, Coluna Gente, p. B8.
- MATEUS, Cátia. Moda de intervenção: A luta contra o preconceito e discriminação social dá mote para uma linha de vestuário que já fez subir a temperatura na semana da moda em Paris. **Expresso**. Lisboa - Portugal, 22 jan. 2007.
- MEIRELLES, Clarisse. Prostitutas e artistas fazem o evento Parangolé Daspu ponto de encontro da vanguarda carioca: Verão Daspu. **Domingo JB**. Rio de Janeiro, 5 jan. 2006. Cidade, p. 38.
- MERCADO Mistureba. Rio Show **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 mar. 2007. Eventos, p. 18.
- MODA das moças. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 12 abr. 2006. Capa.
- MODA DE Rua. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 06 dez. 2005. Caderno Cotidiano, p. C5.
- MODA SEM preconceito. **Aqui**. Belo Horizonte, 7 nov. 2006. Cidades, p. 7.
- MOHERDAUI, Bel. Desfile da Daspu? Não, é só a Paris. **Veja**. 14 abr. 2006. Gente, p. 81.
- MONTENEGRO, Érica. Daspu em Brasília. **Revista do Correio**. Distrito Federal, 23 jul. 2006. Moda Alternativa, p. 32.

- NEPOMUCENO, Eric. Entre sacoleira do luxo e as mulheres da vida. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 06 dez. 2005. Caderno B, p. B3.
- _____. De la acera a la pasarela: Una ex prostituta brasileña promueve uma exitosa firma de ropa donde las meretrices trabjan y suben a la pasarela. **El Pais Online**. Espanha, 05 set. 2006.
- NETTO, Andrei. Daspu: do deboche ao luxo de Paris. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 23 nov. 2006. Caderno Cidades METRÓPOLE, p.C8.
- NEVES, Tânia. Daspu para o mundo ver: Estudantes francesas farão filme sobre grife de prostitutas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 ago. 2006. Rio, p. 36.
- NOGUEIRA, Tânia. Fashion Charme Rebelde. **Época**. 11 dez. 2006. Vida útil, p. 131.
- NUNES, Branca. Daspu, grife que parou o centro do Rio: Desfile contou com atriz Betty Lago. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 14 jan. 2006. Cidade, p.15
- OLIVEIRA, Regiane; STAUT, Alexandre. Grife Daspu Rumo às ruas de Paris. **Gazeta Mercantil**. 31 jan. 2007. Administração & Serviços - Varejo, p. C-8.
- OLHAR N90 pelo cineasta Hugo Prata Backstage do desfile da Daspu. **RG Vogue**. São Paulo, 2007. Promo RG Vogue, p. 36.
- PARREIRA, Mateus. Desfile de moda pede prevenção às profissionais do sexo, em BH. **Hoje em Dia**. Belo Horizonte, 6 nov. 2006. Minas, p. 4.
- PELTIER, Marcia. Não é bem assim. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 23 fev. 2006. Caderno B, p. 5.
- POMPOSELLI, Helen. Daspu: o fenômeno Daspu. **Lounge**. São Paulo. Jan. 2008. Status, p. 52.
- POSPISSIL, Roberta. Daspu: Por dentro da saia da criadora. **Top Magazine**. ago. 2006. p. 72.
- PUTAIN de shoot: Cinq filles de chez Stella pernent la pose pour présenter le vêtements de la griffe Daspu, fondée par leurs consoeurs brésiliennes de chez Davida. **Urbania**. França, jan. 2007, p.54 a 59.
- RANGEL, Sérgio. Prostitutas aderem à revitalização do Rio. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 22 nov. 2005. Caderno Cotidiano, p. C3.
- RAYNES, Chantal. Putains de syte: Au Brésil, de postitueés lacente le propre ligne vêtement. Soutunes par une ONG qui lutte pour le staut juridique et aide a le reconversion, elles brisent le tabus et s'emparent des podium. **Libération**. França, 23 jun. 2006. p. 1 e 2.
- REIS, Ana Cristina. Pu Davida. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 fev. 2006. Ela - Coluna Front, p. 4.
- RODRIGUES, Iesa. O Fashion Rio esquento os lançamentos do verão na Marina da Glória. **Domingo JB**. Rio de Janeiro, 04 jun. 2006. p.46.
- RODRIGUES, Macedo. Passarela democrática: Daspu desfila na Praça Tiradentes, ganha adesão de Betty Lago, e elogio de Piovani. **O Dia**. Rio de Janeiro, 14 jan. 2006. O Dia D, p. 6.
- RÓNAI, Cora. Os dias lindos e a banda malsã do paraíso: Considerações sobre a vida, as mutretas da prefeitura e a Daspu, uma grife bacana. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 dez. 2005. Segundo Caderno, p. 10.
- RORIZ, Macedo. Moda Daspu chega às ruas de BH. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, 7 nov. 2006. Capa.
- RORIZ, Macedo. Moda Daspu chega às ruas de BH. **Diário da Tarde**. Belo Horizonte, 7 nov. 2006. Cidades, p. 5.
- ROSADO, Cristiana. Daspu: Daspu derruba preconceito e chega para mudar. **Conexões Urbanas**. Rio de Janeiro, out. 2007. p. 10.
- ROUPA inspiradas em prostitutas. **A Tribuna**. Vitória, 10 set. 2006. Cidades, p. 6.
- SAMPAIO, Paulo. Daspu desfila e faz homenagem a prostituta. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 28 fev. 2006. Carnaval, p. 3.

- SANTOS, Carlinhos. Grife de Batalha. **Almanaque**. _____, 21-22 jan. 2006. 3POR4, p. 20.
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 31 mar. 2006. Segundo Caderno - Coluna Gente Boa, p. 3.
- _____. _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 mai. 2006. Segundo Caderno - Coluna Gente Boa, p. 3.
- _____. A guerra delas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 6 abr. 2006. Segundo Caderno - Coluna Gente Boa, p. 3.
- _____. A nova 'Surfistinha'. **O Globo**. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
- _____. Chega de de futebol! Agora é sexo!: Artistas usam paredes de hotel da Praça Tiradentes como galeria de mostra erótica. **O Globo**. Rio de Janeiro, 7 jul. 2006. Segundo Caderno, p. 3.
- _____. Coisa Nossa. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 dez. 2005. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
- _____. Credi Daspu. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 abr. 2007. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
- _____. Daslu X Daspu. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 dez. 2005. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
- _____. Daspu disputa com Bündchen: Fashion Rio começa com as fofocas e os panos quentes do inverno. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 jan. 2006. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
- _____. Daspu na Suíça. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 set. 2007. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
- _____. Falcão na Daspu. **O Globo**. Rio de Janeiro, 4 mai. 2006. Segundo Caderno - Coluna Gente Boa, p. 3.
- _____. Garotas de Cinema. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22, mai. 2007. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
- _____. Madonna & Daspu. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 abr. 2006. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p. 3.
- _____. Minas da Daspu. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 mai. 2007. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
- _____. Picasso na Daspu. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 jan. 2007. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
- _____. Prostitutas Fashion. **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 abr. 2007. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
- _____. Quem sabe sabe. **O Globo**. Rio de Janeiro, Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
- _____. Superprostitutas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 fev. 2007. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
- _____. Um trem muito louco: Estação da Leopoldina serve de cenário para as perfoances do Riocenacontemporânea . **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 out. 2006. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p. 3.
- _____. Vai lá atitude, e mostra os peitões. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 jan. 2006. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
- SHAKESPEARE, Jocasta. The Brazilian fashion label designed by sex workers: from red light to runway. **Marie Claire**. Itália, set. 2007. p. 134.
- SOBRAL, Marcella. Daspu na passarela. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 dez. 2005. Capa.

- _____. Daspu na passarela. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 dez. 2005. Caderno Rio, p.16.
- SOMOS MÁS, Podemos ser piores. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 jan. 2006, Primeiro Caderno, p.2
- SPERADÉO, Rosana. Daspu, a história e a primeira coleção da grife da ONG Davida: Moda sem preconceito. **Criativa**. São Paulo, mar. 2006. p. 82.
- STAUT, Alexandre. Moda paralela. Coleção da vida com humor. **Gazeta Mercantil**. _____, 30 jan. 2007. Plano Pessoal, p. C-10.
- TAWII, Marc. Moda, estilo e deboche: Daspu chega a São Paulo: Boate da Rua Augusta foi o palco da estréia na Cidade da desabusada grife carioca criada por prostitutas. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 12 abr. 2006. JT Cidade, p. 6.
- THEOPHILO, Jan. _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 abr. 2006. Segundo Caderno - Coluna Gente Boa, p. 3.
- _____. Elas estão em todas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 31 jul. 2006. Segundo Caderno - Coluna Gente Boa, p. 3.
- _____. Parada de sucessos: Personagens que mudaram de vida através da música. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 abr. 2006. Segundo Caderno - Coluna Gente Boa, p. 3.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. Sem vergonha de dizer quem é. **Veja**. _____, 14 abr. 2006. Ensaio, p. 126.
- TOLIPAN, Heloisa. Daspu é sempre bom. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 13 out. 2006. Caderno B - Coluna Gente, p. 10.
- _____. Garotas de Cabeceira. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 24 mai. 2007. Caderno B, Coluna Gente, p. B8.
- _____. Homem forte. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 19 mai. 2006. Caderno B - Coluna Gente, p.12.
- _____. Show Woman. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 19 jan. 2007. Caderno B, Coluna Gente, p. B8.
- TORREÃO, Luisa. Daspu chega a Salvador. **A tarde**. Salvador, 31 ago. 2007. Caderno 2, p. 7.
- TORRES, Bolívar. A Daspu vira história e quer fatia do mercado. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 23 jul. 2008. Caderno B, p. B3.
- ULIANA, Cleverson. Nem luxo Nem Lixo... Simplesmente moda. **Venda Mais**. Empreendedorismo, ago. 2006. p. 54.
- UCHOA, Alícia. **Globo.com**. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL912508-5606,00-DASPU+LANCA+SUTIA+COM+LIGA+E+SHORT+QUE+FACILITA+O+STRIP+TEASE.html>. Acesso em: 5 ago. 2008. A última atualização foi feita em 5 dez. 2008
- VAL, André; FERRARI, Marcelo. **Erika Palomino**. Disponível em: <http://www.erikapalomino.com.br/>. Acesso em: 9 jun. 2008.
- VALLERIO, Ciça. Mulher da vida: Voz contra o preconceito Feminino. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 04 nov. 2007. Entrevista, p. 28.
- VENTURA, Mauro. Dois chops e a conta. **Revista O Globo**. Rio de Janeiro, 15 jul. 2007. Entrevista, p. 08.
- VIANA, Natalia. Daspu, um terremoto no mundo fashion: Daspu, uma grife surpreendente. **Caros Amigos**. São Paulo, jan. 2006. p. 28.
- VIEIRA, Cristina. A Passarela é delas. **Hora de Santa Catarina**. Santa Catarina, 27 jun. 2008. p. 26. Capa.
- VILLALBA, Patrícia. Daspu faz calçada fashion na Augusta: Grife carioca leva deboche e originalidade ao Club Las Vegas. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 12 abr. 2006. Caderno 2, p. 12.

VIOLA, Kamille. Incluídos: Periferia invade Fashion Rio com a presença do Afro Reggae, das Bordadeiras da Coroa e Artesãs da Maré. **O Dia**. Rio de Janeiro, 13 jan. 2007. D Mulher, capa do caderno.

VOM STRICH auf den Laufsteg. **Brigite Woman**. Alemanha, jan. 2007. p. 70 à 86.

WAKABARA, Jorge. **Chic Glória Kalil**. Disponível em: http://chic.ig.com.br/materias/409001-409500/409250/409250_1.html. Acesso em: 6 jan. 2008. Publicada em: 10 jan. 2007.

WAMBIER, Ana. Daspu na pista – BR 69, em parceria francesa. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 jun. 2006. Rio, p. 30.

WAMBIER, Ana. Pu davida. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 jan. 2006. Rio - Coluna Off. Fashion Rio, p.21.

Entrevistas

ALVES, Cristiane. Depoimento. Entrevista realizada em dez. 2007.

CASALI, Luciana. Depoimento. Entrevista realizada em dez. 2007.

CATOIRA, Lu. Depoimento. Entrevista realizada em nov. 2007.

DAMASCENO, Aglaíze. Depoimento. Entrevista realizada em dez. 2007.

DELGADO, Valéria. Depoimento. Entrevista realizada em nov. 2007.

LEITE, G. _____. Depoimento. Rio de Janeiro: Burocratização e institucionalização das organizações de movimentos sociais: o caso da organização de Prostitutas Davida. Entrevista concedida à Andréia Skackauskas Vaz de Mello.

LEITE, G. _____. Depoimento. Rio de Janeiro: Beijo da Rua on line. Entrevista concedida à Flavio Lenz, em dez. 2004. Disponível em www.beijodarua.org.br

MONTEIRO, R. _____. Depoimento. Rio de Janeiro: Beijo da Rua on line. Entrevista concedida à Flavio Lenz. Disponível em www.beijodarua.com.br. Acesso em jun. de 2008

MONTEIRO, R. _____. Depoimento. São Paulo. Folha on line. Entrevista concedida à Diógenes Muniz, em 7 jun. 2006.

OLIVEIRA, Sylvio de. Depoimento. Rio de Janeiro: Criação de marcas em movimentos sociais: uma análise do caso da Daspu. p. 54-62, 2008. Entrevista concedida a Fábio de Araujo Keidel, para a monografia apresentada como trabalho final para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Publicidade e Propaganda, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RODRIGUES, Iesa. _____. Depoimento. Rio de Janeiro: Criação de marcas em movimentos sociais: uma análise do caso da Daspu. p. 64-68, 2008. Entrevista concedida a Fábio de Araujo Keidel, para a monografia apresentada como trabalho final para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Publicidade e Propaganda, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Programas de TV

Caminho das Índias. Novela da Rede Globo. Cenas gravadas em 17 de Abril

GNT Fashion. Entrevista realizada com Gabriela Leite, durante a edição outono/inverno do Fashion Rio. 14 jan. 2006.

JORNALISMO ESPETACULAR. **Fantástico**. Brasil: Rede Globo, 04 dez. 2005. Programa televisivo dominical de horário nobre com alto índice de audiência.

Sites pesquisados

<http://iesarodrigues.wordpress.com/>

<http://www.beijodarua.com.br>

<http://www.chic.ig.com.br>

<http://www.daslu.com.br>

<http://www.davida.org.br>

<http://www.elle.abril.com.br>

<http://www.erikapalomino.com.br>

<http://www.fashionbusiness.com.br>

<http://houaiss.uol.com.br/>

<http://www.modafusion.com.br>

<http://www.sp.senac.br>

<http://www.globo.com/>

<http://jbonline.terra.com.br/>

<http://www.folha.uol.com.br/>

<http://www.otempo.com.br/>

<http://www.estadao.com.br/>

APÊNDICE I - Organização cronológica dos fatos e matérias

Data	Tipo	Referência
15-jul-2005	Fato	Sylvio de Oliveira concebe o nome Daspu.
20-nov-2005	Clipping nacional	GASPARI, Elio. Uma nova Grife. O Globo. Rio de Janeiro, 20 nov. 2005. Caderno O País. p.16.
21-nov-2005	Clipping nacional	BASTOS, Marcelo. Daspu, a grife das prostitutas. O Dia. Rio de Janeiro, 21 nov. 2005. Caderno Nosso Rio. p. 4.
21-nov-2005	Clipping nacional	BASTOS, Marcelo. Uma grife feita por prostitutas. Meia Hora. Rio de Janeiro, 21 nov. 2005. Caderno Geral. p. 6.
22-nov-2005	Clipping nacional	RANGEL, Sérgio. Prostitutas aderem à revitalização do Rio. Folha de São Paulo. São Paulo, 22 nov. 2005. Caderno Cotidiano. p. C3.
23-nov-2005	Clipping nacional	ÁREAS, Camila. Revitalização da Praça Tiradentes. O Povo. Rio de Janeiro, 23 nov. 2005. Caderno Geral. p. 3.
23-nov-2005	Fato	Produção da 1ª camiseta em <i>transfer</i> : a camiseta-logo.
26-nov-2005	Clipping nacional	FILHO, Francisco Alves. Daspu, uma nova grife. Isto É. Rio de Janeiro, 26 nov. 2005. Acesso pelo site em 22 out. 2008.
28-nov-2005	Fato	Notificação extrajudicial, datada de 24/11, a ONG Davida é ameaçada de processo judicial pela Daslu.
01-dez-2005	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Daslu X Daspu. O Globo. Rio de Janeiro, 01 dez. 2005. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
02-dez-2005	Clipping nacional	BRAGA, Élcio. A batalha das 'Grifes'. O Dia. Rio de Janeiro, 02 dez. 2005. Nosso Rio, p. 13.
02-dez-2005	Fato	O site www.daspu.com entra no ar com loja virtual.
03-dez-2005	Clipping nacional	_____. Grife de prostitutas Daspu não abrirá mão do nome: Prazo dado pela multimarcas de São Paulo termina na quarta. O Globo. Rio de Janeiro, 03 dez. 2005. Caderno Rio, p. 29.
04-dez-2005	Clipping nacional	JORNALISMO ESPETACULAR. Fantástico. Brasil: Rede Globo, 04 dez. 2005. Programa televisivo dominical de horário nobre com alto índice de audiência.
05-dez-2005	Fato	Durante ensaio do bloco Prazeres Davida com performance das prostitutas na Rua Imperatriz Leopoldina, próxima à Praça Tiradentes, no centro Histórico do Rio. Desfilam com os parangolés de Hélio Oiticica, com a camiseta-logo e a camiseta do bloco.
06-dez-2005	Clipping nacional	_____. Moda de Rua. Folha de São Paulo. São Paulo, 06 dez. 2005. Caderno Cotidiano. p. C5.
06-dez-2005	Clipping nacional	NEPOMUCENO, Eric. Entre sacoleira do luxo e as mulheres da vida. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 06 dez. 2005. Caderno B, p. B3.
08-dez-2005	Clipping nacional	RÓNAI, Cora. Os dias lindos e a banda malsã do paraíso: Considerações sobre a vida, as mutretas da prefeitura e a Daspu, uma grife bacana. O Globo. Rio de Janeiro, 08 dez. 2005. Segundo Caderno, p. 10.
11-dez-2005	Clipping nacional	BERGAMO, Mônica. O mundinho fashion Daspu. Folha de São Paulo. São Paulo, 11 dez. 2005. Caderno Ilustrada. p. E2.

Data	Tipo	Referencia
12-dez-2005	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Coisa Nossa. O Globo. Rio de Janeiro, 12 dez. 2005. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
13-dez-2005	Clipping nacional	BRAGA, Élcio. Moda Daspu para as gringas. O Dia. Rio de Janeiro, 13 dez. 2005. Nosso Rio, p. 4.
16-dez-2005	Fato	“Projeto Tempep, que atua em 25 países na prevenção e promoção de saúde de prostitutas migrantes, aprova moção de apoio à Daspu”.
16-dez-2005	Fato	1º desfile Daspu, Rua Imperatriz Leopoldina, Praça Tiradentes, Centro Histórico do Rio.
17-dez-2005	Clipping nacional	SOBRAL, Marcella. Daspu na passarela. O Globo. Rio de Janeiro, 17 dez. 2005. Capa.
17-dez-2005	Clipping nacional	SOBRAL, Marcella. Daspu na passarela. O Globo. Rio de Janeiro, 17 dez. 2005. Caderno Rio, p.16.
18-dez-2005	Clipping nacional	ARARIPE, Ana Paula; MÁIRAN, Paula. Sem-vergonha é a Daslu. Extra. Rio de Janeiro, 18 dez. 2005. Coluna Geral, p.14.
19-dez-2005	Clipping internacional	_____. Des trottoirs du sexe de Rio de Janeiro aux podiums: Des prostituées ont présenté le dix premiers modeles de leur marque, Daspu. Le Matin Monde. França, 19 dez. 2005. p. 17.
21-dez-2005	Clipping nacional	ANGEL, Hildegard. _____. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 21 dez. 2005. Caderno B, p. A6.
jan-06	Clipping nacional	VIANA, Natalia. Daspu, um terremoto no mundo fashion: Daspu, uma grife surpreendente. Caros Amigos. São Paulo, jan. 2006. p. 28.
05-jan-2006	Clipping nacional	MEIRELLES, Clarisse. Prostitutas e artistas fazem o evento Parangolé Daspu ponto de encontro da vanguarda carioca: Verão Daspu. Domingo JB. Rio de Janeiro, 5 jan. 2006. Cidade, p. 38.
07-jan-2006	Clipping nacional	BRAGA, Élcio. Periferia também entra em cena. Daspu vai estar em estande no Fashion Business e pólos de confecção se unem a estilistas famosos. O Dia. Rio de Janeiro, 7 jan. 2006. O Dia D, p. 6.
08-jan-2006	Clipping internacional	MANULI, Gabriela. Las costureras que dieron el buen paso: La asociación que agrupa las trabajadoras sexuales portefa formó un taller . El Observador . Uruguai, 8 jan. 2006. Perfil, p. 10 e 11.
08-jan-2006	Clipping nacional	CALDEIRA, João Bernardo. Nudez não castigada. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 8 jan. 2006. Caderno B. p. 1 e 2.
09-jan-2006	Fato	Fashion Rio outono/inverno, a convite do SEBRAE-RJ. (09-15 Jan)
10-jan-2006	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Daspu disputa com Bündchen: Fashion Rio começa com as fofocas e os panos quentes do inverno. O Globo. Rio de Janeiro, 10 jan. 2006. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
12-jan-2006	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Vai lá atitude, e mostra os peitões. O Globo. Rio de Janeiro, 12 jan. 2006. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
13-jan-2006	Clipping nacional	GOIS, Ancelmo. Ponto Final. O Globo. Rio de Janeiro, 13 jan. 2006. Rio, p.17.
13-jan-2006	Fato	Segundo desfile na Praça Tiradentes. Participação da atriz e ex-modelo Betty Lago.
14-jan-2006	Clipping nacional	GNT Fashion.

Data	Tipo	Referencia
14-jan-2006	Clipping nacional	_____. Gisele entra. E todos babam. Extra. Rio de Janeiro, 14 jan. 2006. Capa.
14-jan-2006	Clipping nacional	ALENCAR, Marcus. Estilo nas passarelas fashion: A Grife Daspu leva irreverência para a Praça Tiradentes, no dia em que Gisele Bündchen desfila no Fashion Rio. Extra. Rio de Janeiro, 14 jan. 2006. O Assunto é Moda, p. 3.
14-jan-2006	Clipping nacional	_____. Fetiche. O Globo. Rio de Janeiro, 14 jan. 2006. Ela Fashion, capa.
14-jan-2006	Clipping nacional	MARRA, Heloisa. Pu Davida. O Globo. Rio de Janeiro, 14 jan. 2006. Ela, p. 1 e 2.
14-jan-2006	Clipping nacional	_____. Atenção dividida. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 14 jan. 2006. Capa.
14-jan-2006	Clipping nacional	NUNES, Branca. Daspu, grife que parou o centro do Rio: Desfile contou com atriz Betty Lago. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 14 jan. 2006. Cidade, p.15
14-jan-2006	Clipping nacional	RODRIGUES, Macedo. Passarela democrática: Daspu desfila na Praça Tiradentes, ganha adesão de Betty Lago, e elogio de Piovani. O Dia. Rio de Janeiro, 14 jan. 2006. O Dia D, p. 6.
15-jan-2006	Clipping nacional	_____. Somos más, Podemos ser piores. O Globo. Rio de Janeiro, 15 jan. 2006, Primeiro Caderno, p.2
15-jan-2006	Clipping nacional	WAMBIER, Ana. Pu davida. O Globo. Rio de Janeiro, 14 jan. 2006. Rio - Coluna Off. Fashion Rio , p.21.
16-jan-2006	Clipping nacional	_____. Adriana Bombom. O Globo. Rio de Janeiro, 16 jan. 2006. Rio, p. 13.
20-jan-2006	Clipping nacional	AÕR, Rodrigo. A moda que bate ponto. Programa JB. Rio de Janeiro, 20-26 jan. 2006. Variedades, p. 31.
21-jan-2006	Clipping nacional	SANTOS, Carlinhos. Grife de Batalha. Almanaque. _____, 21-22 jan. 2006. 3POR4, p. 20.
29-jan-2006	Clipping nacional	BRANCO, Adriana Castelo; GIANOTTI, Rolland. Sonhos e armadilhas cercam o caminho das deusas da passarela. Revista O Globo. Rio de Janeiro, 29 fev. 2006. p. 21.
04-fev-2006	Clipping nacional	REIS, Ana Cristina. Pu Davida. O Globo. Rio de Janeiro, 04 fev. 2006. Ela - Coluna Front, p. 4.
05-fev-2006	Clipping nacional	GOIS, Ancelmo. Coisa Chique. O Globo. Rio de Janeiro, 05 fev. 2006. Rio, p. 23.
08-fev-2006	Fato	Peças da grife começam a ser vendidas na Parceria Carioca.
10-fev-2006	Clipping nacional	GOIS, Ancelmo. Ponto Final. O Globo. Rio de Janeiro, 10 fev. 2006. Rio, p.17.
10-fev-2006	Clipping nacional	GOIS, Ancelmo. Eu gamo. O Globo. Rio de Janeiro, 11 fev. 2006. Rio, p. 16.
17-fev-2006	Clipping nacional	ALENCAR, Marcus. Daspu estará presente no desfile da Caprichosos. Extra. Rio de Janeiro, 17 fev. 2006. Geral, p. 10.
21-fev-2006	Clipping nacional	GOMES, Rodrigo. Daspu invade o Sambódromo. O Povo. Rio de Janeiro, 21 fev. 2006. Geral, p. 6.
22-fev-2006	Clipping	CRUZ, Christian Carvalho. Por dentro da Daspu. Isto É Dinheiro.

Data	Tipo	Referencia
	nacional	_____, 22 fev. 2006. p. 46.
22-fev-2006	Clipping nacional	JANNUZZI, Melissa. As boas compras. Veja Rio. Rio de Janeiro, 22 fev. 2006. p. 24.
23-fev-2006	Clipping nacional	PELTIER, Marcia. Não é bem assim. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 23 fev. 2006. Caderno B, p. 5.
26-fev-2006	Clipping nacional	_____. Caprichosos chocolate na avenida. Domingo JB. Rio de Janeiro, 26 fev. 2006. Carnaval 2006, p. 14.
28-fev-2006	Clipping nacional	_____. Chocolate com sabor amargo: Espírito Santo não protege de buracos, correria e até ventania. O Globo. Rio de Janeiro, 28 fev. 2006. Carnaval, p. 12.
28-fev-2006	Clipping nacional	GOBBI, Nelso. Meninas da Daspu na Sapucaí. Prostitutas desfilam em carro da Caprichosos. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 28 fev. 2006. Carnaval, p. 5.
28-fev-2006	Clipping nacional	SAMPAIO, Paulo. Daspu desfila e faz homenagem a prostituta. Folha de São Paulo. São Paulo, 28 fev. 2006. Carnaval, p. 3.
01-mar-2006	Clipping nacional	LANDIM, Pedro; BRAVO, Zean. De peito aberto: Carnaval marca a volta dos seios de fora, moças de 'topless' ocupando até carro inteiros. O Dia. Rio de Janeiro, 1 mar. 2006. O Dia D, capa.
mar-06	Clipping nacional	SPERADÉO, Rosana. Daspu, a história e a primeira coleção da grife da ONG Davida: Moda sem preconceito. Criativa. São Paulo, mar. 2006. p. 82.
03-mar-2006	Fato	Apresentação da Grife no Cabaré Kalesa, Praça Mauá, região portuária do Rio.
30-mar-2006	Clipping nacional	BERGAMO, Mônica. Pu de luxo. Folha de São Paulo. São Paulo, 30 mar. 2006. Ilustrada, p.2.
31-mar-2006	Clipping nacional	GOIS, Ancelmo. Vende-se. O Globo. Rio de Janeiro, 31 mar. 2006. Rio, p. 16.
31-mar-2006	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. _____. O Globo. Rio de Janeiro, 31 mar. 2006. Segundo Caderno - Coluna Gente Boa, p. 3.
05-abr-2006	Clipping nacional	ASTUTO, Bruno. Funk Daspu. O Dia. Rio de Janeiro, 5 abr. 2006. O Dia D, p. 6.
05-abr-2006	Fato	Entrevista e desfile no Jô Soares.
06-abr-2006	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. A guerra delas. O Globo. Rio de Janeiro, 6 abr. 2006. Segundo Caderno - Coluna Gente Boa, p. 3.
10-abr-2006	Fato	Primeiro desfile em São Paulo, Rua Augusta e Clube Vegas, com prostitutas do Rio e SP.
12-abr-2006	Clipping nacional	_____. Moda das moças. Jornal da Tarde. São Paulo, 12 abr. 2006. _____, capa.
12-abr-2006	Clipping nacional	BERGAMO, Mônica. A noite da Daspu na rua Augusta. Folha de São Paulo. São Paulo, 12 abr. 2006. Ilustrada, p. E2.
12-abr-2006	Clipping nacional	TAWII, Marc. Moda, estilo e deboche: Daspu chega a São Paulo: Boate da Rua Augusta foi o palco da estréia na Cidade da desabusada grife carioca criada por prostitutas. Jornal da Tarde. São Paulo, 12 abr. 2006. JT Cidade, p. 6.
12-abr-2006	Clipping	VILLALBA, Patrícia. Daspu faz calçada fashion na Augusta: Grife carioca

Data	Tipo	Referencia
	nacional	leva deboche e originalidade ao Club Las Vegas. O Estado de São Paulo. São Paulo, 12 abr. 2006. Caderno 2, p. 12.
14-abr-2006	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Madonna & Daspu. O Globo. Rio de Janeiro, 14 abr. 2006. Segundo Caderno - Coluna Gente Boa p. 3.
19-abr-2006	Clipping nacional	MOHERDAUI, Bel. Desfile da Daspu? Não, é só a Paris. Veja. _____, 14 abr. 2006. Gente, p. 81.
19-abr-2006	Clipping nacional	TOLEDO, Roberto Pompeu de. Sem vergonha de dizer quem é. Veja. _____, 14 abr. 2006. Ensaio, p. 126.
27-abr-2006	Clipping nacional	THEOPHILO, Jan. Parada de sucessos: Personagens que mudaram de vida através da música. O Globo. Rio de Janeiro, 29 abr. 2006. Segundo Caderno - Coluna Gente Boa, p. 3.
27-abr-2006	Clipping nacional	THEOPHILO, Jan. _____. O Globo. Rio de Janeiro, 27 abr. 2006. Segundo Caderno - Coluna Gente Boa, p. 3.
02-mai-2006	Clipping internacional	GUELLI, Pablo. Moda para mujeres de vida alegre. Revista Cromos Online. Colombia, 2 mai. 2006. Revista Online, duas páginas.
04-mai-2006	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Falcão na Daspu. O Globo. Rio de Janeiro, 4 mai. 2006. Segundo Caderno - Coluna Gente Boa, p. 3.
04-mai-2006	Fato	Prostitutas cantam no “Daspu in Concert”, no bar Desacato, Leblon, RJ.
07-mai-2006	Clipping nacional	ANGEL, Hildegard. _____. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 7 mai. 2006. Caderno 2, p. 5.
08-mai-2006	Clipping nacional	GOIS, Ancelmo. Bush e a Daspu. O Globo. Rio de Janeiro, 8 mai. 2006. Rio, p. 12.
17-mai-2006	Fato	O <i>rapper</i> MV Bill lança na sede da ONG Davida o livro “Falcão – Os meninos do tráfico”. Debate com prostitutas e convidados a situação social do Brasil. Semanas antes havia feito o mesmo na Daslu.
19-mai-2006	Clipping nacional	MAIA, Leonardo. Marília Gabriela Entrevista. Programa JB. Rio de Janeiro, 19-25 mai. 2006. Em casa, p.46.
19-mai-2006	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. _____. O Globo. Rio de Janeiro, 19 mai. 2006. Segundo Caderno - Coluna Gente Boa, p. 3.
19-mai-2006	Clipping nacional	TOLIPAN, Heloisa. Homem forte. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 19 mai. 2006. Caderno B - Coluna Gente, p.12.
25-mai-2006	Clipping nacional	CUNHA, Milton. _____. O Dia. Rio de Janeiro, 25 mai. 2006. O Dia D - Coluna Chapa Quente, p. 6.
25-mai-2006	Clipping nacional	DIAS, Paula Santos. Na contramão do fashion. Zona Sul O Globo. Rio de Janeiro, 25 mai. 2006. Fashion Rio, p. 34.
03-jun-2006	Clipping nacional	DISITZER, Marcia. No circo. O Dia. Rio de Janeiro, 3 jun. 2006. O Dia D - Coluna No Leque, p. 3.
04-jun-2006	Clipping nacional	RODRIGUES, Iesa. O Fashion Rio esquentando os lançamentos do verão na Marina da Glória. Domingo JB. Rio de Janeiro, 04 jun. 2006. p.46.
09-jun-2006	Fato	Lançada Parceria Daspu – Moda Fusion, em Santa Tereza, no Rio.
09-jun-2006	Fato	Lançamento da coleção primavera/verão, no Circo Voador, Rio. Cenografia de Gringo Cardia e participação do cineasta Neville de Almeida na passarela.
10-jun-2006	Clipping	_____. Desfile da Daspu lança moda inspirada em caminhoneiros:

Data	Tipo	Referencia
	nacional	Grife criada por ONG de prostitutas mostra sua coleção no Circo Voador. Extra. Rio de Janeiro, 10 jun. 2006. p. 5.
10-jun-2006	Clipping nacional	WAMBIER, Ana. Daspu na pista - BR 69, em parceria francesa. O Globo. Rio de Janeiro, 10 jun. 2006. Rio, p. 30.
10-jun-2006	Clipping nacional	_____. Funk Daspu I. O Globo. Rio de Janeiro, 10 jun. 2006. Rio, p. 31.
10-jun-2006	Clipping nacional	CECILIA, Cláudia. A onda do verão 2007: Branco total, tons vibrantes e universo gótico inspiram estilistas e no Fashion Rio. No Circo Voador, Daspu dá show. O Dia. Rio de Janeiro, 10 jun. 2006. O Dia D - Coluna Salto Agulha, p. 5.
10-jun-2006	Clipping nacional	HALLACK, Jô. Todas as mulheres do mundo: A top Gisele Bündchen e as moças da Daspu. Praianas, românticas, ousadas e muticoloridas: elas aposta no charme da diversidade. O Globo. Rio de Janeiro, 10 jun. 2006. Ela Fashion, p. 5.
10-jun-2006	Fato	Daspu mostra coleção primavera-verão do Fashion Rio. Convite Sebrae-RJ. Em parceria com Moda Fusion.
11-jun-2006	Clipping nacional	CARDOSO, Monique. Sou da vida mas estou na moda. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 11 jun. 2006. Caderno B - Entrevista, chamada na capa e p. 4 e 5.
11-jun-2006	Clipping nacional	MARIA, Cleusa. Questão de delicadeza. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 10 jun. 2006. O Dia D, p.5.
16-jun-2006	Clipping nacional	GOIS, Ancelmo. Camisa 69. O Globo. Rio de Janeiro, 16 jun. 2006. Rio, p. 14.
17-jun-2006	Clipping nacional	BESSA, Marcele. Do luxo a luxúria. Jornal São Gonçalo. São Gonçalo, 17 jun. 2006. Moda e Decoração, chamada na capa p. 3.
23-jun-2006	Clipping internacional	RAYNES, Chantal. Putains de syte: Au Brésil, de postitueés lacente le propre ligne vêtement. Soutunes par une ONG qui lutte pour le staut juridique et aide a le reconversion, elles brisent le tabus et s'emparent des podium. Libération. França, 23 jun. 2006. p. 1 e 2.
23-jun-2006	Clipping nacional	BERTOLDO, Sanny. Torcedoras da vida: Para prostitutas dia de jogos significa perda de dinheiro. O Globo. Rio de Janeiro, 23 jun. 2006. Copa 2006, p. 9.
25-jun-2006	Clipping nacional	GOIS, Ancelmo. Daspu em Paris. O Globo. Rio de Janeiro, 25 jun. 2006. Rio, p. 20.
27-jun-2006	Clipping nacional	DISITZER, Marcia. Daspu ganha os franceses: Grife é tema de reportagem em jornal e meninas da Vila Mimosa posam para revista. O Dia. Rio de Janeiro, 27 jun. 2006. O Dia D, p. 6.
07-jul-2006	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Chega de de futebol! Agora é sexo!: Artistas usam paredes de hotel da Praça Tiradentes como galeria de mostra erótica. O Globo. Rio de Janeiro, 7 jul. 2006. Segundo Caderno, p. 3.
08-jul-2006	Clipping nacional	BERGAMO, Mônica. A Daspu vem aí. Folha de São Paulo. São Paulo, 8 jul. 2006. Ilustrada, p. 2.
12-jul-2006	Fato	Desfile da Daspu para participantes de 30 países na Consulta Global sobre HIV e Trabalho Sexual, promovida pela ONG, em hotel no Rio.
15-jul-2006	Fato	Prostitutas e simpatizantes do Rio e de SP desfilam a coleção primavera/verão do Clube Glória, em São Paulo.

Data	Tipo	Referencia
18-jul-2006	Clipping nacional	BERGAMO, Mônica. BR 69: Daspu na estrada. Folha de São Paulo. São de Paulo, 18 jul. 2006. Ilustrada, p. 2.
23-jul-2006	Clipping nacional	MONTENEGRO, Érica. Daspu em Brasília. Revista do Correio. Distrito Federal, 23 jul. 2006. Moda Alternativa p. 32.
24-jul-2006	Clipping internacional	_____. Daspu _____. Asobist.com. Japão, 24 jul. 2006.
24-jul-2006	Clipping internacional	CHANG, Jack. Brazilian Prostitutes design clothes and win respect. Miami Herald On line. Maimi - Estados Unidos, 24 jul. 2006.
30-jul-2006	Clipping nacional	GOIS, Ancelmo. Pé na estrada. O Globo. Rio de Janeiro, 30 jul. 2006. Rio, p. 30.
31-jul-2006	Clipping nacional	THEOPHILO, Jan. Elas estão em todas. O Globo. Rio de Janeiro, 31 jul. 2006. Segundo Caderno - Coluna Gente Boa, p. 3.
ago-06	Clipping nacional	POSPISSIL, Roberta. Daspu: Por dentro da saia da criadora. Top Magazine. _____, ago. 2006. p. 72.
ago-06	Clipping nacional	ULIANA, Cleverson. Nem luxo Nem Lixo... Simplesmente moda. Venda Mais. Empreendedorismo, ago. 2006. p. 54.
03-ago-2006	Fato	Daspu monta estande e desfila no BSB Mix. Participação da atriz Marisa Orth. Brasília. (03-06 Ago)
25-ago-2006	Fato	Daspu ganha estande na feira de moda Achados no Batel. Curitiba. (25-27 Ago)
26-ago-2006	Clipping nacional	BERGAMO, Mônica. A viagem Daspu. Folha de São Paulo. São Paulo, 26 ago. 2006. Ilustrada, p. 2.
27-ago-2006	Clipping nacional	GOIS, Ancelmo. Daspu é chique. O Globo. Rio de Janeiro, 27 ago. 2006. Rio, p. 30.
27-ago-2006	Clipping nacional	NEVES, Tânia. Daspu para o mundo ver: Estudantes francesas farão filme sobre grife de prostitutas. O Globo. Rio de Janeiro, 27 ago. 2006. Rio, p. 36.
set-2006	Clipping internacional	_____. _____. E. Grecia, 23nov. 2006. p.206 e 207.
set-2006	Clipping internacional	BERLANDA, Viola. Fashion Street: Route di ti come scenografie in passarella T-shirt con scritto: "le ragazze perdute sono pio rcearte" Fotostoria (com invitada speciale) di una sfilata evento che ha consacrato Daspu, lineadi abiti firmata dalle prostitute di Rio. una Glam rivoluzione a ritmo movida carioca; Che sta per sbarcare a Parigi. Marie Claire. Itália, set. 2006. p. 364 a 372.
01-set-2006	Fato	Em parceria com a Moda Fusion a Daspu apresenta a coleção primavera/verão no prêt-à-porter Paris. (01-04 Set)
05-set-2006	Clipping internacional	NEPOMUCENO, Eric. De la acera a la pasarela: Una ex prostituta brasileña promove uma exitosa firma de ropa donde las meretrices trabjan y suben a la pasarela. El Pais Online. Espanha, 05 set. 2006. duas páginas.
10-set-2006	Clipping nacional	_____. Roupas inspiradas em prostitutas. A Tribuna. Vitória, 10 set. 2006. Cidades, p. 6.
13-set-2006	Clipping internacional	BIANCHINI, Fábio. Kleider von der Straben: In Rio de Janeiro haben Prostituerter das modelabel Daspu gergundet - und mit ihre ersten kollektion die exklusive konkurrenz düplert. Panorama. Alemanha, 13 set.

Data	Tipo	Referencia
		2006. p. 9.
23-set-2006	Clipping nacional	GOIS, Ancelmo. Daspu na Bienal. O Globo. Rio de Janeiro, 23 set. 2006. Rio, p. 24.
07-out-2006	Clipping nacional	BERGAMO, Mônica. Noiva-Arte. Folha de São Paulo. São Paulo, 7 out. 2006. Ilustrada, p. 2.
07-out-2006	Fato	Em colaboração com o artista esloveno Tadej Pogacar, que desenvolve o projeto CODE:RED, sobre economia informal, Daspu desfila na 27ª Bienal de SP. Mostra suas peças e um vestido-conceito de noiva durante os dois meses do evento. No térreo do prédio do Ibirapuera, um comerciante vende centenas de camisetas da grife no período.
11-out-2006	Fato	Desfile no Riocenacontemporanea.
13-out-2006	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Um trem muito louco: Estação da Leopoldina serve de cenário para as performaces do Riocenacontemporânea . O Globo. Rio de Janeiro, 13 out. 2006. Segundo Caderno - Coluna Gente Boa, p. 3.
13-out-2006	Clipping nacional	TOLIPAN, Heloisa. Daspu é sempre bom. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 13 out. 2006. Caderno B - Coluna Gente, p. 10.
15-out-2006	Clipping internacional	GUTIÉRREZ, Bernardo. Prostitutas Fashion. La Vanguardia. _____, 15 out. 2006. p. 10.
23-out-2006	Clipping nacional	BERGAMO, Mônica. Sem Pu. Folha de São Paulo. São Paulo, 23 out. 2006. Ilustrada, p. 2.
05-nov-2006	Fato	Desfile em Congresso Brasileiro de Prevenção das DST e Aids, em BH. Performance na zona boêmia de BH. (05-06 Nov)
06-nov-2006	Clipping nacional	PARREIRA, Mateus. Desfile de moda pede prevenção às profissionais do sexo, em BH. Hoje em Dia. Belo Horizonte, 6 nov. 2006. Minas, p. 4.
07-nov-2006	Clipping nacional	_____. Moda sem preconceito. Aqui. Belo Horizonte, 7 nov. 2006. Cidades, p. 7.
07-nov-2006	Clipping nacional	RORIZ, Macedo. Moda Daspu chega às ruas de BH. Diário da Tarde. Belo Horizonte, 7 nov. 2006. Capa.
07-nov-2006	Clipping nacional	RORIZ, Macedo. Moda Daspu chega às ruas de BH. Diário da Tarde. Belo Horizonte, 7 nov. 2006. Cidades, p. 5.
18-nov-2006	Clipping internacional	LEFEBVRE, Claire; MONGIBEAUX, Daphné; ROUSSELLE, Stefania. Au Brésil, lês prostituées sont à La mode. Le Monde Online. França, 19 nov.
21-nov-2006	Fato	Camila Pitanga visita a ONG para compor Babel. Novela Paraíso Tropical. TV Globo.
23-nov-2006	Clipping internacional	_____. Heisse Klamotten Von leichten Mädchen. News Ausland. _____, 23 nov. 2006. duas páginas.
23-nov-2006	Clipping nacional	NETTO, Andrei. Daspu: do deboche ao luxo de Paris. O Estado de São Paulo. São Paulo, 23 nov. 2006. Caderno Cidades METRÓPOLE, p. C8.
23-nov-2006	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Vai lá atitude, e mostra os peitões. O Globo. Rio de Janeiro, 12 jan. 2006. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
26-nov-2006	Clipping nacional	GOIS, Ancelmo. Ninguém aguenta mais ouvir. O Globo. Rio de Janeiro, 26 nov. 2006. Rio, p.27.

Data	Tipo	Referencia
11-dez-2006	Clipping nacional	NOGUEIRA, Tânia. Fashion Charme Rebelde. Época. _____, 11 dez. 2006. Vida útil, p. 131.
jan-2007	Clipping internacional	_____. Vom Strich auf den Laufsteg. Brigitte Woman. Alemanha, jan. 2007. p. 70 à 86.
jan-2007	Clipping internacional	_____. Putain de shoot: Cinq filles de chez Stella pernent la pose pour présenter le vêtements de la griffe Daspu, fondée par leurs consoeurs brésiliennes de chez Davida. Urbana. França, jan. 2007., p.54 a 59.
jan-2007	Clipping internacional	KEPP, Mike. From Streetwalk to Catwalk. WWD. _____, 26 dez. 2007. p. 10.
jan-07	Clipping nacional	_____. Olhar N90 pelo cineasta Hugo Prata Backstage do desfile da Daspu. RG Vogue. São Paulo, 2007. Promo RG Vogue, p. 36.
06-jan-2007	Clipping internacional	HARZER, Erika. Nach Strich und Faden: Um Ihre elende soziale Lage zu verbessern, greifen brasilianische Prostituierte zur Selbsthilfe. Mit Dapu, einem Label für Monde "Von der Huren" und für Huren - das nicht nur landesweit, sondern inzwischen auch international für Aufsehen. Die Tageszeitung Online. Alemanha, 6 jan. 2007. três páginas.
09-jan-2007	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Picasso na Daspu. O Globo. Rio de Janeiro, 12 jan. 2007. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
13-jan-2007	Clipping nacional	VIOLA, Kamille. Incluídos: Periferia invade Fashion Rio com a presença do Afro Reggae, das Bordadeiras da Coroa e Artesãs da Maré. O Dia. Rio de Janeiro, 13 jan. 2007. D Mulher, capa do caderno.
16-jan-2007	Clipping internacional	CAETANO, Filipe. Moda contra o preconceito: Organização Não Governamental de prostitutas brasileiras, Davida, lançou marca Daspu: é uma nova estratégia de luta contra a SIDA e outras doenças sexualmente transmissíveis. Paris já se rendeu à grife. Portugal Diário Online. Portugal, 16 jan. 2007.duas páginas .
19-jan-2007	Clipping nacional	TOLIPAN, Heloisa. Show Woman. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 19 jan. 2007. Caderno B, Coluna Gente, p. B8.
19-jan-2007	Fato	Desfile da coleção <i>Puta Arte</i> . Praça Tiradentes. Participação da atriz Elke Maravilha.
22-jan-2007	Clipping internacional	MATEUS, Cátia. Moda de intervenção: A luta contra o preconceito e discriminação social dá mote para uma linha de vestuário que já fez subir a temperatura na semana da moda em Paris. Expresso. Lisboa - Portugal, 22 jan. 2007.duas páginas .
27-jan-2007	Fato	Coleção <i>Putarte</i> é lançada em SP, Clube Glória. Desfilam Supla e Bruna Surfistinha.
29-jan-2007	Clipping nacional	BARALDI, Paulo. Daspu mostra suas criações fora da Bienal. Grife criada por prostitutas se apresenta no clube Glória. O Estado de São Paulo. São Paulo, 29 jan. 2007. Cidades – Metrópole - São Paulo Fashion Week, p. C8.
30-jan-2007	Clipping nacional	STAUT, Alexandre. Moda paralela. Coleção da vida com humor. Gazeta Mercantil. _____, 30 jan. 2007. Plano Pessoal, p. C-10.
31-jan-2007	Clipping nacional	OLIVEIRA, Regiane; STAUT, Alexandre. Grife Daspu Rumo às ruas de Paris. Gazeta Mercantil. _____, 31 jan. 2007. Administração & Serviços - Varejo, p. C-8.
02-fev-2007	Clipping	GARRIDO, Luiz. Gabriela presidente da Daspu. Carta Capital.

Data	Tipo	Referencia
	nacional	_____, 02 fev. 2007. p. 66.
09-fev-2007	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Superprostitutas. O Globo. Rio de Janeiro, 09 fev. 2007. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
1-mar-07	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Quem sabe sabe. O Globo. Rio de Janeiro, Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
13-mar-2007	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Quem sabe sabe. O Globo. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
28-mar-2007	Fato	Apresentação do trabalho em parceria com Tadej Pogacar no World Factory, San Francisco Art Institute.
30-mar-2007	Clipping nacional	_____. Mercado Mistureba. Rio Show O Globo. Rio de Janeiro, 30 mar. 2007. Eventos, p. 18.
abr-2007	Fato	Pontos de venda começam a receber peças da coleção <i>Putas Arte</i> .
14-abr-2007	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Credi Daspu. O Globo. Rio de Janeiro, 14 abr. 2007 Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
22-abr-2007	Clipping nacional	LINS, Letícia. Quando o trabalho fashion salva os presos. O Globo. Rio de Janeiro, 22 abr. 2007. País, p.4.
30-abr-2007	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Prostitutas Fashion. O Globo. Rio de Janeiro, 30 abr. 2007. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
mai-07	Clipping nacional	ABDALLAH, Ariane. Filhos da P...: A puta que pariu. TPM. São Paulo. Mai. 2007. p. 28.
02-mai-2007	Clipping nacional	CERQUEIRA, Sofia. De parar o trânsito. Veja Rio. Rio de Janeiro. 02 mai. 2007. Perfil, p. 21.
12-mai-2007	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Minas da Daspu. O Globo. Rio de Janeiro, 12 mai. 2007. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
22-mai-2007	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Garotas de Cinema. O Globo. Rio de Janeiro, 22, mai. 2007. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
22-mai-2007	Fato	Desfile de mix das coleções na pré-estréia do filme “Princesas”. No Espaço de Cinema.
24-mai-2007	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. A nova ‘Surfistinha’. O Globo. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
24-mai-2007	Clipping nacional	TOLIPAN, Heloisa. Garotas de Cabeceira. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 24 mai. 2007. Caderno B, Coluna Gente, p. B8.
06-jun-2007	Fato	Lançamento da coleção primavera/verão 2007/2008, chamada Copa-Sacana ao mesmo tempo que o livro “Meninas da Daspu”, de Anna Marina Barbará, com entrevistas de nove prostitutas, é lançado.
22-jun-2007	Clipping nacional	_____. Camila Pitanga inspira Daspu. Giro. Rio de Janeiro, 22-29 jun. 2007. p. 5.
jul-07	Clipping nacional	ALBUQUERQUE, Lina de. Daspu: Prostituição e moda. Marie Claire. _____, jul. 2007. Estilo de Vida, p. 66.
10-jul-2007	Clipping nacional	MARTINGO, Neide. Daspu deve crescer 30% este ano. Diário do Comércio. Rio de Janeiro, 10 jul. 2007. Caderno B, Coluna Gente, p. B8.
15-jul-2007	Clipping nacional	VENTURA, Mauro. Dois chops e a conta. Revista O Globo. Rio de Janeiro, 15 jul. 2007. Entrevista, p. 08.
30-ago-2007	Clipping	LUZ, Márcia ferreira. Daspu desfila peças da nova coleção de verão,

Data	Tipo	Referencia
	nacional	criadas por prostitutas. A tarde. Salvador, 30 ago. 2007. Caderno 2, p. 8.
30-ago-2007	Fato	Primeiro desfile em Salvador. No Baobá Café.
31-ago-2007	Clipping nacional	TORREÃO, Luisa. Daspu chega a Salvador. A tarde. Salvador, 31 ago. 2007. Caderno 2, p. 7.
set-2007	Clipping internacional	SHAKESPEARE, Jocasta. The Brazilian fashion label designed by sex workers: from red light to runway. Marie Claire. Itália, set. 2007. p. 134.
18-set-2007	Clipping nacional	SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Daspu na Suíça. O Globo. Rio de Janeiro, 18 set. 2007. Segundo Caderno – Coluna Gente Boa, p.3.
out-07	Clipping nacional	ROSADO, Cristiana. Daspu: Daspu derruba preconceito e chega para mudar. Conexões Urbanas. Rio de Janeiro, out. 2007. p. 10.
nov-2007	Fato	Coppe passa a assessorar a Daspu na montagem de uma cooperativa.
04-nov-2007	Clipping nacional	VALLERIO, Ciça. Mulher da vida: Voz contra o preconceito. Feminino O Estado de São Paulo. São Paulo. 04 nov. 2007. Entrevista, p. 28.
06-nov-2007	Fato	Daspu desenvolve camiseta do FIAE 2007 – Festival de Internacional de Animação Erótica. Expõe produtos e apresenta desenho animado. (06-08 Nov)
06-dez-2007	Fato	Estudantes apresentam projeto de graduação sobre a Daspu, na ESPM.
jan-08	Clipping nacional	POMPOSELLI, Helen. Daspu: o fenômeno Daspu. Lounge. São Paulo. Jan. 2008. Status, p. 52.
14-mar-2008	Fato	Equipes da Daspu e dos cursos de Design de moda e design gráfico da FUMEC se reúnem para desenvolver coleção verão 2009.
27-jun-2008	Clipping nacional	VIEIRA, Cristina. A Passarela é delas. Hora de Santa Catarina. Santa Catarina, 27 jun. 2008. p. 26. Capa.
13-jul-2008	Clipping nacional	GOIS, Ancelmo. Na terra da Daspu. O Globo. Rio de Janeiro, 13 jul. 2008. Rio – Coluna Ancelmo Gois, p.24.
23-jul-2008	Clipping nacional	TORRES, Bolívar. A Daspu vira história e quer fatia do mercado. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 23 jul. 2008. Caderno B, p. B3.
27-jul-2008	Clipping nacional	BIANCHINI, Fábio. A Daspu mostra coleção na capital de SC. Diário Catarinense. Santa Catarina, 27 jul. 2008. Geral, p. 27.